ANNO XII · NUM. 602
28 · JUNHO · 1930
PREÇO 1$

desapparecem em poucos minutos com
dois comprimidos de

Cafiaspirina

Este excellente preparado BAYER allivia as dores e prepara o caminho para um estado de saude normal.

A CAFIASPIRINA pode ser tomada com inteira confiança, porque, além do seu effeito curativo,

É ABSOLUTAMENTE INOFFENSIVA.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul – O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A litteratura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo o trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

	CONTOS SENTIMENTAES	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES	CONTOS HUMORISTICOS
	comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	comprehendendo todo o enredo de [illegible], mysterio, tragedia e sensação	comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado	500$000	500$000	500$000
2º "	300$000	300$000	300$000
3º "	250$000	250$000	250$000
4º "	150$000	150$000	150$000
5º "	100$000	100$000	100$000
6º "	50$000	50$000	50$000
7º "	50$000	50$000	50$000
8º "	50$000	50$000	50$000
9º "	50$000	50$000	50$000
10º "	50$000	50$000	50$000
11º ao 15º collocado	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

A Imagem Real

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO PASSADO)

— E' tão difficil a preparação ? — murmurou.

— Cale-se ! O tempo não influe.

Por detraz da cortina azul, resoou o gonzo abafado, profundo. Todas as respirações ficaram suspensas. Eu mesmo prendi a minha, emquanto o pesado setim se abria, sem ruido, descobrindo o mysterio.

Duas estatuas absolutamente identicas, collocadas a tres metros mais ou menos uma da outra, immobilizavam-se numa profundidade que não excedia a distancia entre a rampa e o panno de bocca de um theatro europeu. Representavam dois homens sentados, sumptuosamente vestidos de chinezes e com os rostos voltados para os espectadores. Os olhos abertos, vivos, davam a impressão de lançar um mudo desafio. Um arco de lanternas de papel diaphano formavam um conjuncto de sombras, que se dispersavam, longas ou curtas, sobre as paredes, o panno do fundo, o tapete, tudo composto de tiras de seda de uma brancura immaculada. No estofo, estendido sobre os joelhos, cada estatua tinha uma folha de pergaminho; as duas mãos direitas apoiavam nelle pinceis igualmente brilhantes de pontas igualmente curvas, paradas no mesmo traço, da mesma paizagem, no mesmo adiantamento.

Era tudo. Eu adivinhava, sem me voltar, que todos os olhares passavam de uma para a outra estatua pesquisando um problema que eu não comprehendia. Li-Chéong, de cabeça levantada sobre o pescoço esticado, corria os olhos da direita para a esquerda; uma crispação levantava-lhe o canto dos labios cerrados. Eu não sabia mais o que pensar.

Não era exactamente tudo. A' direita da scena, assentada num tamborete, uma mulher velha, esta viva, enrugada como uma noz, que, sem mover um musculo atirava no ar gritos sinistros. Ululamentos, chacotas, murmurios de demente, que arripiavam até os ossos e compunham o terrivel dentro daquella inanidade. Mas ninguem olhava para a feiticeira. E eu "sabia", pela emanação da alma collectiva, que ninguem a escutava, nem queria escutal-a. Mas, praticára muito os sortilegios da magia asiatica para não suspeitar que aquelles gritos lancinantes, morbidos, eram para predispôr o espirito, influir na acceitação do embuste.

E qual devia ser o embuste ? Depois de alguns instantes, durante os quaes tive cuidado de observar em detalhe, eu recalcitrava por assim dizer; protestava mentalmente, não queria me satisfazer com a inerte contemplação. Ligeiro, critico, o raciocinio europeu, a lembrança de illusões hindús, me suggeriram hypotheses, retorquidas immediatamente.

— Calma, pensei. Antes de tudo eliminemos o desconhecido do problema, si é que ha um. Esta fantasmagoria se chama "A Imagem Real"; e falam em direita e esquerda. O enigma está pois ahi. E assim uma estatua deve ser material e a outra, uma illusão optica ou mental.

Por mais de um minuto, arregalei os olhos em vão: não descobria nem espelho, nem crystal, nem possibilidade de mechanismos occultos. Tudo claro. As sombras, as sombras sobretudo, por traz das estatuas, projectavam-se solidas, opacas, bem marcadas. Eu apertava as palpebras para aguçar a vista, tapava os ouvidos para não escutar a ladainha da velha. Nada mais existia que a presença concreta dos dois blocos immoveis. Levantei os hombros, máo humorado. A minha attenção saciada voltou-se para Li-Chéong; elle percebeu e sem abandonar o exame:

— O meu amigo adivinhou ? — cochichou, approximando a cabeça da minha.

— Oh ! Eu desejava saber o que ! Estas duas estatuas...

— Silencio ! "Uma dellas vive".

— Qual ! E' troça... — não pude deixar de exclamar.

— ...E trata-se de adivinhar se é a da direita ou a da esquerda. Depressa. O homem vivo não póde prender a respiração por muito tempo.

Li-Chéong falava seriamente e eu não podia duvidar. Por minha vez vaguei o olhar de uma para a outra figura, procurando o brilho do olhar que vê, a frescura da pelle alimentada, o reflexo da transpiração, a tensão do peito que prende a respiração e o mais imperceptivel movimento que multiplicasse as sombras. Nada. Bem ao contrario, cada estatua por sua vez parecia agora, animar-se, viver com uma palpitação secreta, embora immovel.

Uma pancada no gongo destruiu a immobilidade. O simulacro da esquerda, respirando com força, levantou-se, estendeu os braços num gesto de cumprimento. Os movimentos eram elasticos, articulados. Não tinha nada de automato. A estatua da esquerda não se moveu. A velha parou com o ululamento, cahiu num torpôr de paralytica. A cortina se fechou.

Numa vasca de bronze, que eu ainda não vira sob o candieiro, cada espectador, antes de sahir, deixava alguns "sapeques", depois precipitava-se pela ponte com gestos e gritos de decepção e de alegria, conforme o que apostára anteriormente, direita ou esquerda.

— Então ! — exclamou Li-Chéong com uma especie de triumpho.

Indeciso, eu me deixára ficar junto da vasca, contemplando os obulos, já consideraveis, depositados pelos miseraveis e pelos ricos.

— O senhor me fez cahir no laço ! — respondi com o meu melhor sorriso. Tomei-os por duas estatuas !

— Então, pague dobrado. E' um caso de consciencia. A todas estas almas simples, Sat, o homem real, não pede nada. Cada um determina a estatua que acredita viva, e, no caso de se enganar, paga a somma que mentalmente destinou. E' toda a regra do jogo. Bem vê que é observada com boa fé. Quanto a mim, que mais uma vez me enganei, cumpro a pena...

Depositei o dobro da quantia de Li-Chéong. Sem duvida o fiz com lentidão... Assim que ficamos sózinhos na sala, salvo o empregado de Sat que batera o gongo, manobrára a cortina e esperava a nossa sahida para fechar a porta, Li-Chéong, disse gracejando:

— O meu amigo não parece muito convencido !

— Tive apenas alguns segundos para olhar seriamente. Si me tivesse prevenido antes...

— Oh ! não ! O seu orgulho occidental, ou, si preferir, o seu senso critico, teria demolido antecipadamente a illusão dos olhos. Não levaria a sério. Pretendia adivinhar com o primeiro golpe de vista. Teria evidentemente se enganado, pois para o senhor, como para nós, é cara ou corôa. Mas ouvi'a sua confissão e quasi a sua colera. Era isso que me importava ! O senhor não desconfiava siquer do problema... Eu devia ter esperado, para observar o seu espanto, que Sat se levantasse.

— Si eu voltar a outra sessão e ficar mais perto, saberei distinguir o vivo da imagem.

— A' vontade, — disse Li-Chéong confiante nelle e em Sat. Não sei si Sat quererá. Foi a sua ultima exhibição de hoje. Fatiga-se muito. Vou experimentar.

— Prometta-lhe dinheiro.

— Será o meio mais seguro de receber uma recusa !

Falou calorosamente com o empregado que já se impacientava. Depois de uma ausencia, atraz da cortina, o rapaz voltou com a resposta.

— Sat acceita — explicou Li-Chéong.

— Mandei dizer a elle o que sabia que lhe attingiria o amor-proprio. Em minha homenagem e para lhe convencer, ao senhor, o primeiro occidental admittido aqui, vae se apresentar, só para nós, inteiramente despido, e numa posição differente. E o senhor verá até onde vae a arte de Sat.

Ouviam-se ruidos por traz da cortina. Sem duvida, Sat se preparava numa posição nova, ou arrumava em scena outra estatua.

Quando o empregado abriu a cortina, cada imagem representava um pescador nú: braços separados e estendidos, corpo inclinado, nas pontas dos pés retesados, cabeça para a frente, attenta. Approximei-me. Quasi que podia tocal-os com a mão. As costellas, a espinha dorsal, os tendões, ap-

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

pareciam sob a epiderme dos corpos asceticos. O mesmo peito, as mesmas unhas, certamente o mesmo numero de cabellos, augmentavam o irreal da immobilidade conjugada. Nem nas substancias, nem nas suas sombras, a despeito do esforço, da attitude fatigante, se trahia o mais infinitesimal movimento. Nos rosto que me fixavam, havia tanto de vida latente, como de não existencia. Os museus de cera, os quadros vivos do Occidente, não eram mais do que coisas futeis junto dessa apotheose de identidade.

— Então ? — perguntou Li-Chéong.

— Renuncio. E' miraculoso.

Sat, que desta vez estava á direita, fez um signal com os olhos chamando-me. Cheguei-me; tal como São Thomé, toquei-lhe o corpo quente, depois a materia fria da estatua. Salvo a differença do calor e da dureza, sensivel aos dedos, a vista não podia, de mais perto que fosse, nada discriminar...

Passados os dois minutos de cada sessão, Sat voltou ao natural, ouviu polidamente, sem responder, a gratidão de Li-Chéong e o meu enthusiasmo e desappareceu por traz dos pannos brancos que faziam fundo.

Muito emocionado, quasi recolhido, segui Li-Chéong pela ponte do junco, então vazia, até á nossa nave, que tomou o caminho de To-King, entre o boliço dos barcos. Mas, no crepusculo de purpura, eu não tinha mais olhos nem ouvidos para os vulgares tumultos aquaticos. Um conjuncto de questões se baralhavam. Por que ? Como ? Qual o encadeamento de cousas que sepultou esse maravilhoso Sat num junco perdido no immenso universo, com a obscura profissão de receber alguns "sapeques" em troca de um prodigio quotidiano ? Que occultara a alma chineza para cumprir tal disciplina ? Arrisquei-me a resumir esses dilemas.

— Por que o seu amigo Sat,—perguntei—não faz uma viagem á Europa e á America ? Juro-lhe que, em poucos annos, sem reclame, ganhará uma fortuna.

— Eis o que eu temia, — disse Li-Chéong, contrariado. — Mesmo o senhor, que imaginei nos haver comprehendido, quer reduzir a lucro a obra incomparavel de Sat ?

— E por que não ? Não recebe "sapeques" ? Por que recusar ao universo a forte agitação do meu assombro. Uma emoção nova não tem preço.

—Ha muita coisa occulta na "Imagem real...", meu amigo.

— Qual é a "Imagem real", interrompi. E' Sat ou é o simulado ?

— Que importa ! E' um milagre de amor, não desse amor que incendeia e se apaga, mas da ternura apaixonada que dura todas as horas, todos os segundos de uma vida; que leva aos cimos do mais sublime sacrificio...

— Não exaggere ! — disse eu impaciente. — Este artista ultrapassa os limites do verosimil, mas dahi a me extasiar...

— Bem sabia que o senhor terminava não comprehendendo. Para que falar ou explicar ? A parede se levantará sempre.

— Ora, — exclamei, — sempre as mesmas palavras. Como ousa se lamentar que nós, na Europa, não os entendemos. Aqui estou eu, prompto a comprehendel-o e o senhor se occulta ! Com os asiaticos é eternamente tudo confuso. Sim ou não: quer dizer-me que é sublime ? o que eu acho perfeito ?... e já não é desdenhavel.

— Escute ! — disse Li-Chéong depois de um silencio, emquanto a nave chegava ás aguas livres. — Serei breve. E' a mais pura lenda de amor filial. Sat e a imagem não contam. O unico sêr em torno do qual gira o drama é a paralytica, a pobre demente, cujos uivos supplicam a morte.

Na mocidade ella foi bella e affavel. A felicidade reinava na sampana do marido, illuminista fluctuante, que andava de cidade em cidade, ornamentando os papeis e os pergaminhos raros. Como todas as esposas que o senhor tem conhecido, ella pescava, remava, preparava o arroz e a alimentação, afim de rodear de bem estar o esforço do artista. Embora o desejo commum, a união foi abençoada apenas por dois gemeos, Sat e Yat, e nelles se concentrou o orgulho do pae, o carinho da mãe.

A natureza tem seus caprichos. Desde o nascimento, Sat e Yat se pareciam como dois grãos de arroz. Os proprios paes não os distinguiam. A idade não lhes trouxe as deformações de rosto, de porte, que em geral differenciam os gemeos. A exemplo do pae, elles seguiram profissões artisticas. Sat fez-se esculptor e Yat pintor. Ambos podiam esperar tornarem-se excellentes. Nelles, a scentelha do genio brilhava já, quando o pae morreu prematuramente. Haviam attingido a maioridade. O dever de cada chinez obriga-o ao casamento, afim de preparar a posteridade que transmitte a chamma de vida e honra dos antepassados. Elles pensaram nisso muitas vezes. Mas, a pequena sampana não podia abrigar dois casaes. E a affeição de mãe era tão ardente, que o seu coração se partiria si um dos gemeos fosse embora com a nova familia.

Decidiram adiar a cerimonia do casamento, até a occasião em que os haveres permittissem a compra de um vasto junco, capaz de conter duas familias, duas descendencias e uma unica avó. Para conseguirem esse intento, Sat e Yat se entregaram, dia e noite, ao trabalho para ganharem mais. A mãe retribuia com ternura o sacrificio dos filhos. Velava-lhes os descanços, os somnos raros, incapaz de distinguir um dos dois thesouros, nem de separal-os.

Com o excesso de trabalho a saude de Yat, o pintor, se alterou. Os senhores occidentaes teriam chamado de tísica a molestia que o devorou em seis mezes. A mãe chamava-a extenuação. Ella começou a distinguir Yat pelo emmagrecimento, as unhas diaphanas, as rosetas nas faces, a tosse secca, frequente. O germen da loucura, gerado pelo terror, nasceu.

E Sat inventou o seu sacrificio. Passava privações para emmagrecer. Trabalhava sem luz para que os olhos fatigados ganhassem brilho. Com carmin, fazia nas faces rosetas hecticas. Aprendeu a tossir rapido, seguido, como Yat. A mãe soffria as atrozes alternativas da esperança e do pavor. O saudavel e o condemnado, davam-lhe coragem, provando que nenhum estava doente, pois ambos mostravam signaes identicos. Diante delles ella fingia estar persuadida. Mas, á noite, entre as duas camas, acocorada, segurando a mão de um e a de outro, sentindo as temperaturas, os tremores inconscientes, perdia a cabeça com os accessos de tosse de Yat, emquanto Sat, dormindo, não os repetia immediatamente. Elles resolveram variar de cama, para que a infeliz, na sombra, não pudesse reconhecer o objecto do seu desespero, e, quando adormecia, vencida pela fadiga, não sabia qual era o que tossia mais mortalmente, si o da direita ou o da esquerda. Uma manhã, depois de uma somnolencia aniquillante, a mão de Yat estava gelada, a de Sat continuava quente. E Yat não tossiu mais.

Nós, homens, não podemos attingir esse paroxismo de dôr. Durante dois dias, sem parar de gemer, a mãe conservou o filho apertado ao peito que o alimentára. Quando ella perguntava se elle estava morto, Sat não ousava responder, com medo que ella se matasse. Mais potente do que uma pantera, já louca, continuava abraçada ao cadaver para restituir-lhe o calor. Não se podia separal-os. E Sat não sabia como, sem confessar-lhe a coisa horrivel, cumprir os ritos funerarios.

A idéa salvadora surgiu então. Num dia, na materia inerte, elle modelou a primeira "Imagem real", rigida e sem gestos, semelhante a que a mãe apertava ao collo. Durante um adormecimento, uma quéda dos braços cançados de tanto esforço, elle substituiu, receioso, o corpo do irmão pela imagem.

Quando Sat voltou do sepultamento, a mãe despertada, aquecia ainda o fantasma e cobria-o de beijos. A substancia em contacto constante com a sua carne parecia-lhe, sem duvida, menos fria, e entre os soluços ella ria, ás vezes, do riso que cria a intelligencia perdida. E dizia, louca, perdida, que Yat resuscitára junto do seu seio maternal.

(Conclue no fim da revista)

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho - Rio". Telephones : Gerencia: 3-0635. Escriptorio: 3-0634. Directoria: 3-0636. Officinas: 8-6247, Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Clinica Medica de "Para todos..."

HEMOPHILIA E TRANSFUSÃO DE SANGUE

Dentre os varios tratamentos hemostaticos, propostos pe'a therapeutica moderna, a transfusão de sangue é, por assim dizer, o mais efficiente.

A transfusão de sangue é logicamente applicavel, nos syndromes hemophilicos e hematogenicos; porque, em ambas as especies morbidas, os enfermos estão expostos a graves hemorrhagias.

Effectuado o processo de transfusão, o sangue da pessoa enferma recupera tudo o que lhe fa'tava, para chegar á coagulação, como si estivesse em completa normalidade.

Além de tão grande effeito benefico, a transfusão tem a vantagem de combater a anemia, — estado patho'ogico frequentemente verificado entre os hemophilos.

Segundo a opinião do **Dr. Becart**, um notavel pratico neste assumpto, graças á experiencia adquir'da em longos annos, a transfusão de vinte a trinta centimetros cub'cos de sangue puro, com intervallos variaveis, conforme as condições individuaes de cada enfermo, constitue o verdadeiro tratamento da hemophi'ia. Para continuar as applicações transfusoras, após a acção inicial desse methodo, o clinico deve ter, como guia de conducta, os caracteres hemato'og'cos apresentados pelo enfermo, e principalmente — convem não esquecer — a medida do tempo da sangria normal, feita sob o 'obulo de uma das orelhas, — tempo que não poderá ir além de tres minutos.

CONSULTORIO

ALVARUS (Franca) — O diagnostico das perturbações alludidas, sómente poderá ser feito pelo exame directo de um especia'ista. Sómente elle poderá dizer se as perturbações resultam de desordens funccionaes do apparelho respiratorio ou si tem origem em phenomenos puramente nervosos. A hypothese de sclerose arterial, segundo penso, deve ser afastada, pois é quasi inadmissivel, em sua idade. Deve procurar na capital do Estado um especia'ista, com apparelhamento completo, para tal mister.

F. DE BARROS (Rio) — Use, pela manhã, dois comprimidos de orchitina e, á noite, dois comprimidos de thyroidina. Deve usar tambem, alternadamente: num dia — gottas amargas de Beaumé 1 gramma, licor de Fowler 2 grammas, tintura de cane'la 4 grammas, tintura de genciana 4 grammas, extracto fluido de Yhumbehoa 5 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas — vinte e cinco gottas, num calice dagua assucarada, depois do almoço e do jantar; no outro d'a — dois confeitos de "Ibogaine Nyrdahl", depois do almoço e do jantar. Finalmente deve fazer, por semana, tres injecções intra-musculares, empregando a "L'pocerebrine".

J. L. (Cambusy) — Fique tranquillo. O caso não tem gravidade, pois, conforme o exame radiographico, não ha alteração morphologica, nem lesão organica, na região que foi observada. A ausencia de dôr á pa'pação é um indicio bastante animador. O regimen e a regularidade, na hora das refeições, são as duas condições primordiaes do tratamento. Use alimentos leves, de facil digestão, excluindo, em absoluto, as substancias muito acidas, bastante sa'gadas e excessivamente gordurosas. Tambem evite os condimentos excitantes, o abuso do café e do fumo e o emprego de bebidas alcoolicas. Além da ligeira refeição matinal, faça apenas duas outras refeições — almoço e jantar. Nada de merendas e de "lunchs". Quinze minutos antes do pequeno almoço e antes das duas refe'ções principaes, tome uma colher (das de café) do "Elixir Spark", num pouco dagua fria. Depo's do almoço e do jantar, use: tintura de genciana 2 grammas, t'ntura de badiana 2 grammas, taka disastose 3 grammas, hydrolato de melissa 40 grammas, e'ixir de pepsina Mialhe 1 vidro — uma colher (das de sopa). De duas em duas noites, no momento de se recolher ao leito, use uma capsula de "Opolaxyl", bebendo em seguida meio copo dagua fria.

A. BRASIL (Rio) — Internamente use "Phagury" — seis a oito capsulas por dia. Faça, por semana, 2 injecções intra-musculares, com a "Proterceine". Externamente faça duas lavagens locaes diarias, uma pela manhã e outra á noite, empregando a solução de argyro' a vinte por cento ou a solução de permanganato de potassio a um por quatro mil.

DR. DURVAL DE BRITO

O Para todos... na Bahia

O doutor Carlos Spinola, director da Succursal, na Bahia, da S. A. "O Malho", ao lado da sua mesa de trabalho — uma secular e riquissima carteira em jacarandá lavorado, estylo D. João VI.

Medicos fundadores da Cruz Vermelha de Nictheroy

Qual será meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

O futuro sempre foi a mysteriosa incognita que todos temos deante de nós na vida.

Desvendar o que o porvir nos reserva de bom ou de máo tem sido a preoccupação de muitos.

Desde as mais remotas éras até nossos dias, sybilas, pythonizas, magos e adivinhos procuram ler nas entranhas palpitantes de animaes, na conjuncção dos astros, nas linhas das mãos ou no mysterio das cartas o destino dos povos e dos individuos.

Cagliostro, Nostradamus, Zarathrusta e outros grandes magos, entre os quaes avulta a figura impressionante de Cypriano de Antioch'a, que depois foi canonizado pela Egreja, se dedicaram a esses estudos transcendentes, sendo que o ultimo encontrava nas cartas de um baralho a resposta exacta ás mais complicadas questões que lhe eram propostas.

"Para todos...", conhecendo a ans'a da alma humana pelo myster'o do porvir, reso'veu contractar os serviços de um sabio egypcio, mestre na arte de "deitar as cartas" e pe'a sua disposição d'zer o que o Destino cégo reserva a qualquer dos seus leitores que o desejem consultar.

Para isto, basta observar com cuidado as instrucções que, em segu'da, elle c'aramente fornece:

Toma-se um baralho novo, que ainda não tenha servido para nenhum jogo. Embru'ha-se bem em sete folhas de papel branco, cada folha de per si. Passa-se depois pela agua do mar ao meio dia de uma sexta-feira, proferindo-se no momento estas palavras:

— "Que os espiritos celestes vos ponham virtude".

Nos 'ogares onde fôr difficil obter agua do mar, deitam-se em uma bacia, ou outro recipiente qua'quer, sete garrafas de agua commum, e dentro da mesma se atiram sete punhados de sal com a mão esquerda. Tendo sido o sal extrahido da agua do mar por evaporação, volta novamente a el'a, integrando-se no liquido.

Depois de mergulhado na agua alguns instantes, desembrulha-se o baralho dos seus sete envo'ucros, baralha-se tres vezes e parte-se-o em cruzêta, o que se faz dividindo-o em quatro montes ou partes, ma's ou menos iguaes, que se collocam sobre uma mesa coberta com toalha branca e na seguinte disposição:

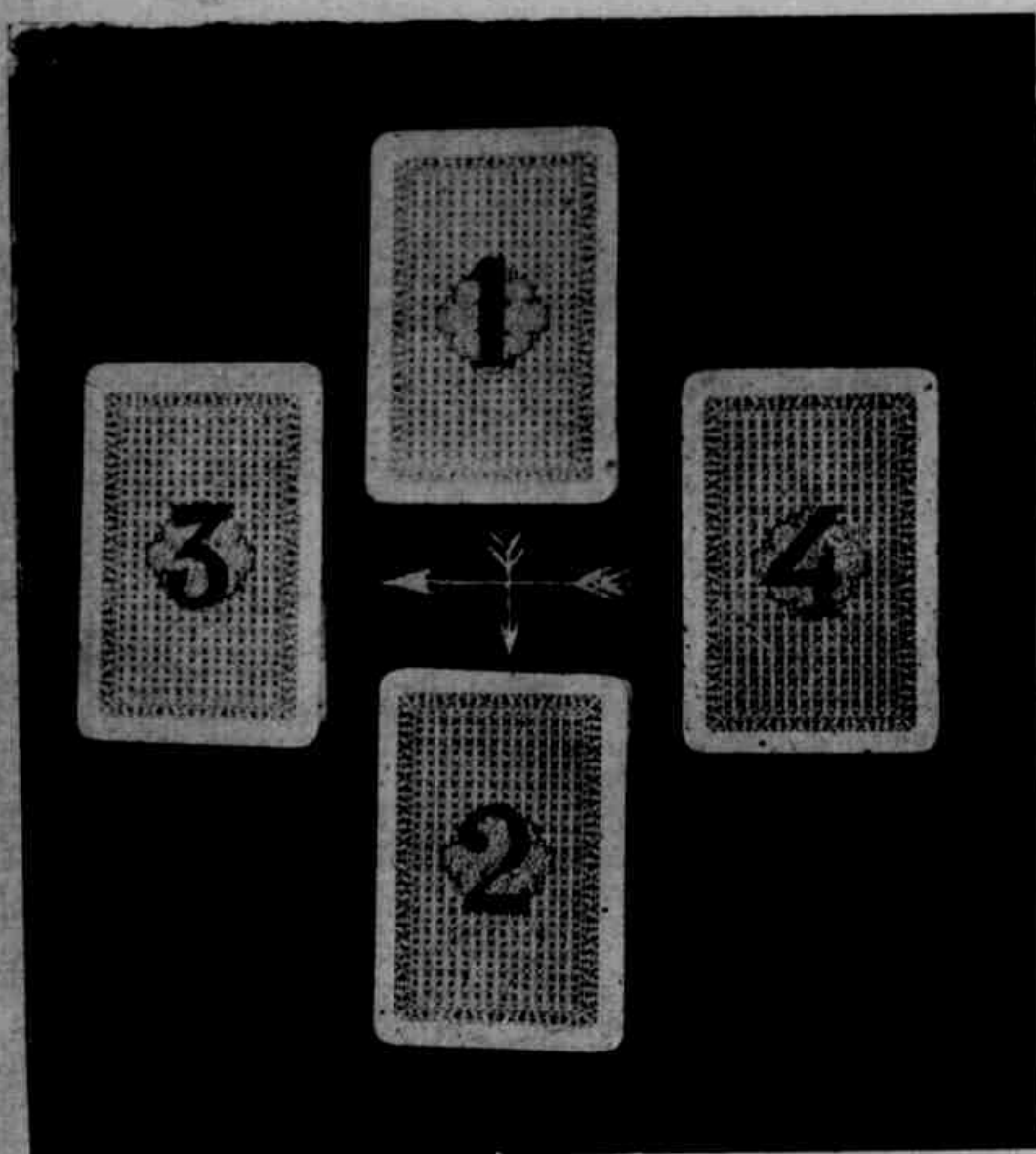



Fig. 1
Modo de partir o baralho de cartas

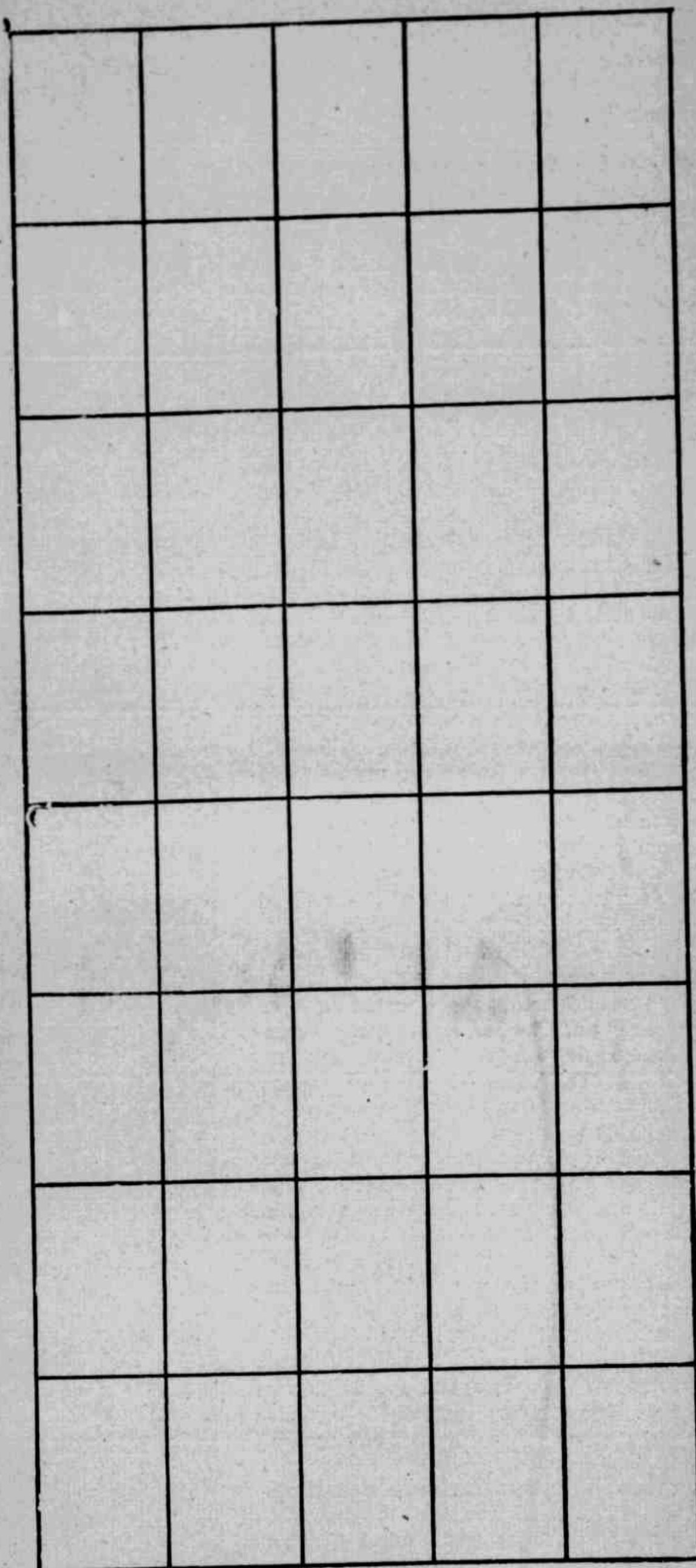



Fig. 2
Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..."

Juntam-se, novamente, os quatro montes, a começar do ultimo até o primeiro, e, depois de alguns minutos de concentração de espirito, em que não se pense em outra cousa senão naquillo que se pretende saber, vá-se deitando as cartas da esquerda para a direita em oito filas de cinco cartas, como mostra o quadro junto, de sorte que a sexta fique abaixo da primeira e assim por deante, até a quadragesima no angulo inferior direito.

Feito isto, escrevam nos quadros correspondentes a cada carta o seu valor ou a figura que representam, como no exemplo annexo:

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Fig 3

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

Recortem o mappa depois de preenchido, assignem-o com o pseudonymo que escolherem e enviem-o para: Redacção do "Para todos..." (Serviço de cartomancia) Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

A resposta não se fará esperar e deve ser procurada nesta mesma secção em que será publicada com o pseudonymo correspondente á consulta feita.

Arcebispo D. Sebastião Leme

S. E. o Cardeal Arcoverde

Nuncio D. Aloisi Masela

Bispo D. Benedicto

Bispo D. Mourão

Conde Affonso Celso

Dr. Max Fleiuss

Bispo D. Alberto

Monsenhor Lari

Dr. Leão de Aquino

Monsenhor Rezende

As homenagens do Brasil ao Cardeal Arcoverde

A "Illustração Brasileira" consagra o seu numero de Maio, á venda, á memoria do saudoso Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Toda a vida do eminente pre'ado, da infancia á morte, encontra-se documentada com as mais preciosas photographias e com a biographia feita pelas figuras mais eminentes do Clero e das letras patricias.

Monsenhor Aloisi Masela, Nuncio Apostolico; D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro; Monsenhor Egidio Lari, auditor da Nunciatura; D. Benedicto Paulo Alves de Souza, Bispo do Espirito Santo; D. Alberto Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto; D. Henrique Mourão, Bispo de Campos; Conde de Affonso Celso; Professor Dr. Leão de Aquino; Dr. Max Fleiuss; Monsenhor Gonçalves de Rezende; Monsenhor Costa Rego; Conego Mac Dowell; Padre Dr. Henrique de Magalhães; Padre Antonio Carmello; Mons. Dr. Felicio Magaldi; Padre Armando Guerrazi; Dr. Annibal Freire; Dr. Gilberto Amado; Dr. José Maria Bello; Professor Eustorgio Wanderley; Dr. João de Minas e Dr. Pinto Filho, a'ém de outros, assignam brilhantes artigos sobre a personalidade do Primeiro Cardeal da America Latina, D. Joaquim Arcoverde.

A edição da "Illustração Brasileira" dedicada ao Cardeal Arcoverde, constitue preciosa obra que deve ser lida pelos catholicos e figurar na estante de todos os sacerdotes. A Empresa Editora da "Illustração Brasileira" esmerou-se na confecção desse numero, que se encontra á venda em todos os pontos de jornaes do Brasil, ao preço de 5$000. Para attender, no emtanto, á procura que certamente terá essa edição da "Illustração Brasileira", a Empresa Editora reservou alguns exemplares para os leitores do interior do Brasil onde, por acaso, não exista agencia de jornaes. Estes leitores poderão fazer seus pedidos, acompanhados da importancia de 5$500, para a Empresa Editora da "Illustração Brasileira" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Padre Dr. Antonio Carmello — Monsenhor Dr. Felicio Magaldi — Monsenhor Costa Rego — Padre Dr. Henrique Magalhães — Conego Dr. Mac-Dowell — Padre Armando Guerrazi

Os Diccionarios de meu Pae

CABO de receber do Brasil o diccionario Aulete, o diccionario predilecto que pertenceu ao meu Pae. São dois grossos volumes encadernados á moda de Portugal e editados pela Imprensa Nacional de Lisboa no anno de 1881.

Quantas recordações esses dois volumes me trazem á mente! Quantas lembranças queridas de minha juventude esses dois livros não avivam agora — agora que o tempo, a distancia e a fatalidade me separam daquelle santo homem que os tinha sempre ao seu lado, sempre ao alcance da sua mão, para as consultas rapidas do trabalho! Quantas saudades esses dois livros queridos não aviventam hoje — quantas reminiscencias não despertam elles em meu coração!

O Aulete morava na secretária de meu Pae, ao lado direito, perto do Codigo Civil Brasileiro. E como era mais commodo e mais esthetico — os dois volumes ficavam em baixo do Codigo. Homem de ordem extraordinaria, meu Pae não permittia que o Codigo ficasse escorando os dois gordos livros da nossa lingua. Terminada a consulta o Aulete ia para a sua casa, a lombada escura do lado de fóra, num contraste chocante com a encadernação escarlate do Codigo.

Abro hoje aquelles volumes com commoção irreprimivel. Lá estão marcados os vocabulos que vieram á discussão ou os que suscitaram duvidas e polemicas; os exemplos que elle escreveu á margem, com a sua letra fina e talhada; os apontamentos, as annotações, os lembretes — tudo agora perpassa deante dos meus olhos rasos de lagrimas.

A's vezes, na peroração de um discurso que meu Pae dictava, minha penna titubeava. Era a duvida. Com "s" ou com "ç"? A pouca edade não me animava a confessar ignorancia. A penna ficava suspensa, tremula, numa angustia. Meu Pae percebia. Mas não dizia palavra. No calor do discurso — socegava. Os braços desciam. Soffreava magnanimamente um gesto de desdem ou impaciencia. E olhava mudo, sem uma palavra, sem uma admoestação, o Aulete debaixo do Codigo. Eu já sabia. Agarrava o volume numa ansia e, tremendo, o folheava até encontrar o vocabulo desejado. Meu Pae sorria. Não se amuava. Dizia que eu precisava estreitar minhas relações com o compadre Aulete, tornar-me sociavel, offerecer-lhe jantares de leitura, copiar-lhe os *ditos de espirito*, decorar-lhe os ensinamentos sapientissimos como um *menino intelligente*...

Aquelles dois livros eram a biblia do meu cerebro pagão que, como o cerebro de todas as crianças educadas em collegios de jesuitas, era um cerebro bronco e estreito.

Discutia, queria litigios literarios, polemicas. Meu Pae sorria sempre. Tinha o costume de não discutir. E não discutia mesmo sob pretexto algum. Olhava para o Aulete. Era o ultimo argumento. O ultimo e primeiro. Eu precisava ceder. E cedia com o castigo de copiar de *esfrangalhado a esfacelado*. Eu já sabia. Da pagina 668 á pagina 681. Esfrangalhado, esfrangalhar, esfrega, esfregação, esfregadela...

Ah! que saudades! Quem me déra poder hoje repetir aquellas penitencias de criança!

Quem me déra poder na vida pratica, ter tambem aquelle olhar dulcissimo a olhar o Aulete e impôr sorrindo as penas de um codigo escripto pelo coração!

A experiencia e a edade cultivam em nós um sentimentalismo acre por tudo quanto já passou e não volta mais. Fica em nossos corações, como numa urna sagrada, a recordação da nossa infancia, que a luta, os vae e vens da fortuna e o destino incoercivel — desencantam friamente.

Eu terei para sempre, como companheiros inseparaveis, esses dois livros que foram os predilectos do meu Pae. Elles hão de acompanhar meus passos em todas as jornadas de minha vida. E, quando me faltem forças, quando a coragem me abandonar, quando a esperança fôr a ave que desterra nas invernadas do anno — eu verei de novo aquelle dois olhos dulcissimos a olhar os livros da nossa lingua na doce reprehensão que me incitava ao trabalho e ao estudo.

E eu ouvirei, outra vez, para as penas de minha inexperiencia, aquellas palavras queridas do castigo:

— "Vá lá, meu filho: desta vez de *esfrangalhado a esfacelado*"... Ah! que saudades!

Hollywood, Abril de 1930.

OLYMPIO GUILHERME

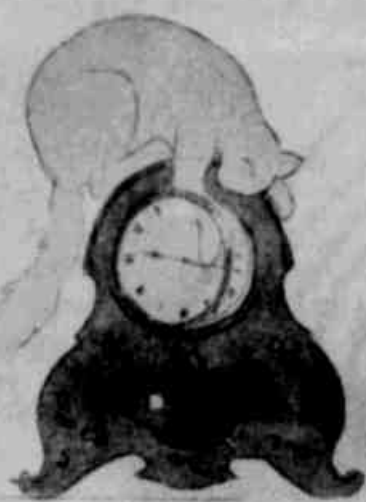
DESPERTAR

EU sou a pendula de laca vermelha; meu coração bate pequenas pancadas regulares sob a purpura viva. No verão certas espadanas, certas dalhias, dispostas em ramos em cima das mesas, têm esta côr, e agora, no inverno, eu me comparo ás bolas berrantes e envernizadas dos altos galhos de avezinho que guarnecem os moveis do salão.

Pois eu sou a pendula do salão. Sómente eu vivo e me movimento, perenne, impertubavel, quando todas as creaturas deixam esta peça e vão dormir; sómente eu vélo e assisto a decomposição mysteriosa que do dia de hoje faz o dia de amanhã.

Vem vindo o dia de amanhã. Isso que parece sacudido do céo, essa qualquer coisa vasta e macilenta, não é o amanhecer, é a mortalha, de um branco sepulcral e funereo, de tudo que foi o dia de hontem; é preciso que todos os despojos das horas findas sejam, para sempre, envoltos, amortalhados no sudario da aurora...

Depois do que, a aurora se aclarará; a sua pallidez se tornará, pouco a pouco, mais acentuada e desenvolverá a linguagem nova do dia nascencente... e só então será o amanhecer. Quantas vezes soei, tilintei, carrilhonei, por esses dias e essas noites mortas! Quantos eu vi apparecer, pontear de novo, desabrochar-se, extenuar-se, enfraquecer, na monotonia perpetua das repetições!

E tudo me parece tão vão, tão identicamente vão embora se alternem as estações e os sêres, as flôres e as horas. Meço o immensuravel, divido em pequenos instantes o que não acaba. E' um trabalho bem fatigante e espanto-me de supportal-o; uma volta na chave me restitue a vida quando já estou sem forças, recomeço a contar os minutos que são contados, por todos os humanos bizarros que vivem tão pouco e não saberiam viver sem mim.

Sou mais olhada, contemplada, interrogada, do que o rosto mais joven, mais mysterioso e mais amado; todos esses olhares anciosos, perturbados, enganados ou enfastiados me dão uma grande prova da minha importancia e me enchem de timidez. E é á meia-voz, com uma precisão que se excusa, que eu murmuro, segrêdo, advirto:

"O tempo foge... a hora se vae... mais um dia... uma noite, um anno... Vivam depressa; vivam para vocês e não para as preoccupações inuteis, pobres homens! sempre obseccados pela ambição e pela pressa... vivam sem olhar a pendula; a idade chega... a morte vem..."

Nenhum me ouve, e, de noite, nas horas em que a sala está vazia, que alivio eu sinto... não dou mais conselhos inuteis a ninguem, bato tranquillamente e para mim só, ao mesmo tempo immovel e movimentada, abro com uma agulha aguda a fechadura do futuro, — sempre no mesmo logar, imponente, ao centro da chaminé, como um juiz de béca ap-

A' minha direita, um Arlequim branco em porcelana da Italia estica desesperadamente o pescoço para vêr atravez dos vidros dos meus flancos, a Colombina branca sua companheira que, á minha esquerda, do seu lado, vira igualmente com impaciencia a cabeça faceira para o dito Arlequim. De repente, á primeira luz da aurora, elles se animam, contornam a minha casa vermelha e, diante do meu mostrador, trocam emfim, apaixonados e exaggerados, o beijo que longamente os atormentou. E esse beijo sôa no silencio, primeiro signal de vida e de despertar na grande sala adormecida.

E' o momento dos pequenos sortilegios; em que percebo, que não estou tão só como imaginava.

Vejo então sombras vaporosas deixar as poltronas onde sonhavam e reviviam, sem duvida, as vidas passadas. Umas se desfazem em chuva de cinzas e vão cahir exactamente nos cinzeiros ou em poeira leve sobre os tapetes. (E' por isso que os cinzeiros appareciam sempre tão cheios de manhã e os aposentos cobertos de poeira...) Outras, somem-se pelas chaminés; outras, ainda, desfolham-se com as flores de um ramo e é por isso que, no chão, certas rosas desfolhadas durante a noite parecem ter mysteriosamente augmentado as petalas. Outras, se atrazam e são muitas vezes forçadas a entrar precipitadamente para o fundo dos espelhos... e é por isso que, ás vezes, os reflexos dos espelhos mostram aos vivos alguma longinqua e vaga imagem. E' como o fim prematuro de uma festa triste e fantasmagorica. No verão, pelas janellas abertas, todas essas apparições reunidas voltam ás nuvens matinaes. No inverno, pelo entre aberto prudente, ellas se introduzem medrosas, friorentas, como por uma fenda de porta. A's vezes, um gallo canta num terreiro distante... Mas é raro. O signal de partida das sombras é dado pelos primeiros ruidos; varredores arrastando pelas ruas as carroças, buzinas de autos; o abalo dos pesados vehiculos dos quitandeiros e, sobretudo, aviso impiedoso, essa bofetada no descanso, no esquecimento, na serenidade do silencio, na aurora ainda tão pallida: o barulho das janellas que se abrem.

Mas a ultima sombra se atraza: esfumada e branca, numa determinada poltrona de laca ella me contempla apaixonadamente. E' que, durante a sua amorosa existencia, levou con-

ILLUSTRAÇÕES DE

Por Gérard d' Houville

tando as horas que a reuniriam áquelle que ella amava, ou que a separavam delle. Não deve comprehender mais muito bem para que sirvo, pois, para ella, o tempo foi abolido e, entretanto, por causa de não sei qual lembrança maliciosa, ainda viva, de alguma demora, com o dedo certo abre a minha porta redonda, faz os meus ponteiros rodarem, rodarem, rodarem para que ninguem aqui saiba a hora que chegou e partiu. Depois, se adelgaça, muda os contornos e vae ajuizadamente, oh! penitencia! para o seu esconderijo: Um grande volume das obras de Montaigne onde desapparece como um amor perfeito secco.

Mas, eis o dia que se levanta, entra pelas fendas das persianas. Ouço passos; passos incertos. A porta se abre. E' um velho homem, curvo, friorento, dentro do roupão de ramagens, arrastando os chinellos, tossindo no lenço de seda; não podendo dormir, o cansado da insomnia, veio dar uma volta, procurar um livro e olhar as horas. Exclama, como todas as manhãs: "O relogio já está desarranjado! Regula tão bem de dia e de noite perde a cabeça."

Tira então uma chave do cofre e, longamente, cruelmente, enterra-a nas profundezas do meu mechanismo e com força me tortura. Estou certa. O velho se senta na poltrona de laca e sonha diante de mim, procurando reanimar, no fogão, uma chamma morrente. Sonha com aquella que foi a sua bem-amada; e nem de longe, imagina que a sombra della se sentou antes delle, ahi, na mesma poltrona; que foi ella que desarranjou o relogio; que perdeu a visita della apenas por um minuto. Sonha, commove-se, uma lagrima corre, tosse; e depois, sentindo frio, dirige-se para a porta do quarto, levando debaixo do braço o torno de Montaigne onde está o amor-perfeito secco.

Pleno dia. Novos passos. Desta vez, prudentes, amortecidos mas jovens. Um homem moço, de *smoking* entra furtivamente na sala quasi clara. Olha, sorrindo, o seu bello rosto, um pouco fatigado, nos espelhos e não se acha com máo aspecto, pois, para elle, tão cheio de vida, os fantasmas subjugados sorriem; e elle sorri tambem pensando que a acolhida, o bom dia, é a si mesmo que dirige. Apanha um cigarro na caixa aberta, accende-o o voluptuosamente, arranca uma rosa de um ramo e, com uma inutil faceirice, pois vae se deitar, fixa-a no peito. Entreabre a veneziana. "Oh! que frio!"

A. E. MARTY

Fécha a janella, assenta-se um instante na poltrona de laca e sonha tambem, com a terna sombra, como o velho avô. E olha-me espantado: "Não é possivel! Tão tarde! ou tão cedo, como queiram!" E, ligeiro, faz os meus ponteiros darem voltas para traz. Assim, quando fôr se deitar e a mãe, da cama o chamar e docemente reclamar, elle responderá, sem mentir, em voz baixa: "Não, mamãe... São apenas 4 horas na pendula vermelha..."

O moço naturalmente não fechou bem a porta do salão e, majestoso, solemne, cuidadoso, o gato Oursinet aproveita e entra. Todo branco, parece a materialização das sombras dispersadas com as primeiras luzes, ou o annunciador feerico da pompa da aurora e da neve. Examina todos os cantos e, com a extremidade prateada das barbas, dá impressão que sente e acaricia as fórmas occultas que os olhos dos homens não vêem. Fareja as poltronas, salta nas mesas, mórde as flores pendentes, enrola nas patas os papeis esparsos, espana tudo com o lindo pennacho da cauda, sorve a atmosphera fria e pesada. Não resta mais nada, absolutamente nada, da presença dos espectros, dos aromas dos sonhos, tudo está vazio das coisas que os humanos não devem saber, tudo está prompto para que a vida quotidiana cegamente, recommece?

Assentado numa almofada preta, o gato me olha de cima a baixo; e mseguida, vivo, lento, direito, caminhando como somnanbulo sobre a chaminé, vendo que a minha porta ficou aberta, com a pata de velludo dá volta aos meus ponteiros. De novo eis-me certa e de uma maneira imprevista. Dá p a n c a dinhas amaveis no Arlequim, na Colombina e salta para o chão. Impe-

rioso, dirige-se para a janella mal fechada que um vento frio acaba de abrir: o cheiro do inverno e da manhã entra, brusco, com o barulho surdo de um tapete que batem e... oh! magia! tentação, d e s e j o s, ambição, aventura! o canto, o canto, agudo, pontudo, alegre e, palavra, despertante, do canario da porteira.

Despertar! despertar! Na casa visinha já tocam as escalas matinaes, cujo rythmo vem até cá; no andar superior, um cachorro late; saltos, caminham, pesados, incommodos, impertinentes, muito fortes, como para esmagar os ultimos sonhos. E uma criança começa a gritar porque está aborrecida e porque é desagradavel despertar num mundo que conhece tão mal ainda e esquece facilmente. A sua voz domina todos os barulhos com um real vigor; e, de novo, a porta da sala se abre e a gorda ama entra por sua vez, com o chorão nos braços. Ella murmura-lhe coisas que não têm muito senso mas que certamente querem dizer: "Socega! não é tão ruim assim; tu te habituarás depressa. Olha o gato branco, como é bonito; e o ramo, e o espelho, e os desenhos, e os bonecos, tudo isto é teu, menino... e tambem a pendula. Oh! por que a porta está aberta?"

E a ama encosta vagarosamente o crystal concavo; é o que mais agrada ao garoto que fica tão encantado e tão contente, que se curva sobre os braços que o seguram e dá na minha face de vidro, na minha grossa face, redonda e transparente, um beijo molhado, franco, morno, um esplendido beijo matinal.

E' dia já, dia de inverno. As janellas batem, o fogo estalla, os passos se acceleram. Um cheiro de fumaça, de chocolate, de café, de torradas, enche pouco a pouco a morada.

Na rua, um ruido sonoro, cortado de subito pela voz aguda da empalhadora de cadeiras... Os autos buzinam, os bondes disparam aos grupos. Para todas as casas, cartas e jornaes. Em todas as casas as vassouras dan-

(Termina no fim do numero)

Brinquedos dos Pequenos e Brinquedos dos Grandes

Por ROLAND DORGELE'S

EU sempre jurava a mim mesmo que, quando fosse grande, diria quatro verdades aos negociantes de brinquedos e ás pessôas grandes que se occupam em divertir as creanças com a competencia de um tosquiador de cães, se encarregando de resolver casamentos mundanos.

Hoje, que sou grande, — o que não é, ha alguns annos, vantagem, — eu queria desabafar o coração.

Meu odio data de longe. Exactamente do dia em que um amigo da minha familia, que se chamava lealmente Monsieur Bêté, teve a idéa de dar conselhos a meus paes sobre a escolha dos brinquedos que deviam me offerecer pelo Natal.

Ainda me lembro daquelle homem gordo, pesadamente assentado n u m a banqueta, o ventre cahido sobre as coxas, o craneo mais polido do que uma porcellana envernizada, papos azulados sob os olhos, dizendo e saccudindo a çabeça, como um pato que engole minhocas:

— Deviam comprar-lhe qualquer coisa de util.

Homem horroroso! Nunca desejei, com tanta violencia, a morte de uma creatura como nesse dia. Qualquer coisa de util!

Póde-se lá imaginar decepção mais cruel para uma creança que espera brinquedos, isto é, qualquer coisa essencialmente, radiosamente, rigorosamente inutil, que a de receber essa coisa ridicula, e s s e producto inominavel que dissimuladamente baptisaram "presente util?"

Seria natural que offerecessemos um cavallo mecanico á nossa avó?

E', na verdade, triste que seja a um Monsieur Bête, a industriaes asmaticos, a solteironas dessecadas, que se faça para lembrar ou escolher brinquedos para as creanças.

Pódem lá entender disso, francamente?

O primeiro gury que appareça e a mais insignificante garota terão melhores idéas num dia do q u e elles num anno.

O director de uma grande casa pede conselhos ao filho, quando quer pôr fogo no estabelecimento ou raspar o livro-caixa?

Cada um na sua vitrine...

Felizmente, as creanças tomaram, ha muito tempo, o excellente habito de não vêr, nos objectos que lhes dão as pessôas grandes, senão uma espécie de materia-prima q u e ellas transformam, arranjam, tripudiam á vontade, para fazerem um verdadeiro brinquedo.

Assim, quando lhes offerecem uma fazenda ridicula, com arvores muito verdes e carneiros muito novos, começam por aparar as arvores até ao tronco, furar o tecto da herdade e amputar o pastor, para mostrar "o que é a g u e r r a". Isso, ao menos é brinquedo.

As pessôas grandes nunca comprehenderam que o brinquedo só vale pela imaginação da creança, á qual é offerecido. A menina que aperta nos braços a sua boneca acredita mesmo que é sua filha; aquella que finge de mercadora na beira da calçada, com dois pedaços de cordão, uma ponta de pão e um nabo, crê que realmente p o s s ú e uma loja; o menino de face corada, que faz os seus soldados evoluirem, imagina-se, nesses momentos, um grande general. O verdadeiro brinquedo está dentro da cabeça das creanças.

Todas as creanças nascem poetas, mas, á medida que os annos chegam, os mais velhos os envergonham, ensinam-lhes a respeitar a experiencia que não é mais do que a consagração da estupidez, repetindo-lhes "que é preciso não andar sempre no mundo da lua", que os "pensativos" não conseguem nada; e as creanças, pouco a pouco, perdem todo o encanto imaginativo e se tornam, emfim, creaturas sérias, ajuizadas, que não tomarão ampolas por lanternas, pessôas reflectidas, que jogarão nas corridas, perderão nas cartas, perseguirão as mulheres e sahirão do café com a majestade do individuo consciente: cheias como ovos, sombrias como azeviche, profundas como crepe.

Se, juntamente com o catalogo de brinquedos infantis, publicassem o catalogo de brinquedos dos adultos, não eram as creanças que deveriam côrar.

E, entretanto, somos nós que queremos imaginar os brinquedos dos pequenos. Que pretenção! A creança, esse pequeno sonhador admiravel, que ri para os anjos, diverte-se horas com um risco, alegra-se com um louco, pondo os lindos pés no chão, a creança não precisa das nossas invenções.

Existem creaturas que se dão ao trabalho insensato de imaginar automatos complicados, brinquedos scientificos e, mesmo — que horror! brinquedos de de actualidade, brinquedos politicos!

Deixem os pequenos tranquillos, sem as historias dos homens: elles são creanças... As unicas creanças que se distraem com essas complicações mecanicas e scientificas, são esses meninos pallidos, de cabeça em fórma de pera, os odiosos meninos modelos, que cheiram á pharmacia, não ousam brigar na rua e provocam a admiração da familia pela precoce hypocrisia. São caricaturas de homens. Mais tarde, serão os primeiros a se enthusiasmarem pelos divertimentos dos grandes; brincarão com a politica, com as revoluções, com a g u e r r a, brinquedos terriveis dos povos que, na sua escola, deveriam ter aprendido, de cór, o catalogo, esse catalogo que os homens, pomposamente, chamam de Historia.

Illustrações de Ch. Genty

Professor Paulo de Frontin

No salão de honra da Escola Polytechnica, sabbado passado, durante a homenagem especial que a Congregação prestou ao Professor Paulo de Frontin pelos seus cincoenta annos, de ensino nessa Escola.

Em baixo: dois aspectos da missa em acção de graças, na igreja de São Francisco de Paula.

Os Congressistas sahindo da visita ao senhor Presidente da Republica

IV Congresso Pan-Americano de Architectura

Os Congressistas no Palacio Itamaraty com o senhor Ministro das Relações Exteriores.

Dois instantaneos da sessão de abertura no Theatro Municipal presidida pelo senhor Ministro da Justiça que fez o discurso inaugural. O corpo diplomatico esteve presente e a sala rosa e ouro apresentava o aspecto das suas grandes noites.

2 a 0

Domingo, no estadio do Vasco, o team de profissionaes do Hakoah Alls Stars perdeu para um combinado carioca assim organizado: Joel; Domingos e Helcio; Tinoco, Martim e Molla; Paschoal, Ladisláo, Alfredo, Bahianinho e Sant'-Anna.

Em baixo: senhoritas de Copacabana que tomaram parte na festa esportiva do Praia Club.

Benjamim Costallat é um homem que trabalha. Este verbo trabalhar nunca é conjugado para as vidas que se consomem numa sala fechada, entre livros silenciosos, em cima de uma mesa onde ha um cinzeiro cheio de pontas de cigarros e folhas de papel cheias de palavras. Trabalhar é para os outros operarios. O escriptor é um vadio que gosa. Eu conheço Benjamim Costallat ha muitos annos. Vi o caminho que elle fez dentro da sua vocação, desde que pegou na penna pela primeira vez. Sei porque lhe quero bem e porque o admiro. E' uma intelligencia sem descanso. Não venceu por ser escandaloso no inicio da carreira. Elle nunca foi escandaloso. Era um menino espantado e sincero. Contava os espantos sinceramente. Depois, a "Gurya" appareceu e disse: — Vamos acabar com as opiniões preguiçosas. Eu trago um grande romancista. — E as opiniões preguiçosas morreram na ultima pagina da historia daquella rapariga desgraçada. Até a critica proclamou o grande romancista. Agora aqui está "A loucura sentimental". Melhor que "Gurya"? Para mim, é. Tem mais commoção deante das pessoas, das paysagens, das coisas do mundo. O doido que surge no principio é o unico desespero tragico do livro. Mas a lembrança de Dom Quixote consola das crueldades que o doido gritou. E "A loucura sentimental" toma conta de Mario Alberto e Mario Alberto começa a ser feliz como nunca tinha sido, envolvendo no mesmo enternecido amor tudo que o rodeia e tudo que existe. Assim realizou o seu destino sem rêalizar a sua illusão. Assim morreu contente. E "morto, ainda sorria de crença e de certeza". Ainda sorria tal qual a vez em que falára ao bom Lourenço da Costa: — Acredite. A felicidade da gente é sempre estragada pelos outros. Você não conhece essas creaturas que têm a mania de dizer que o tempo está ameaçador quando se vae sahir?... Quantos dias maravilhosos não se perdem quando se vae atrás da pretendida prudencia alheia. O amor é um dia bonito que não se deve perder. Ás vezes, é um dia só. E não falta gente para nos aconselhar a não aproveital-o. Aproveitar a vida, Lourenço, é o maior dos segredos. Tirar della tudo que fôr bom e bonito. Não perder nem os dias de sol nem as noites de luz. Não perder o amor, quando passa pela nossa porta, porque elle não volta mais..." Não é verdade que isto é lindo? Pois "A loucura sentimental" é toda igual a isto.

ALVARO MOREYRA

Mulheres do Occidente e do Oriente

O JAPÃO occidentalizou-se, mas conservou o mysterio. Um meu amigo que veio ha pouco de Tokio queixava-se nestes termos do paiz das cerejas: "— O que me aborrece nas japonezas é o sorriso constante. Nunca se sabe quando ellas estão zangadas com a gente!" Para um homem da nossa raça, o momento em que uma mulher se zanga é tão interessante!"

Como o momento da ternura. E' sempre um gesto profundo da alma. Ora, com o eterno sorriso, o amor japonez deve ser um brinquedo monotono, sem psychologia. Esse meu amigo não teve porém a curiosidade de abrir uma geisha: ficou sem saber si dentro dellas, como das bonecas autopsiadas, ha somente um mechanismo rudimentar, o jogo das articulações e dos cordeis, para o perpetuo "sim" e o perpetuo "não", que diverte as crianças.

* * *

Uma nova conquista do feminismo em França: o Sr. Raul Peret, actual ministro da justiça no gabinete presidido pelo Sr. André Tardieu, tomou para sua secretaria particular uma moça que, além de joven e bonita, tem uma grande cultura em materia de questões sociaes. — (Photo Keystone, especial para PARA TODOS.)

A mulher japoneza, entretanto, é capaz de todas as actividades da mulher occidental. Inclusive de fazer politica. Uma das originalidades do movimento communista no Japão é a larga participação das mulheres. A policia está processando diversas — o que não deixa de espantar as proprias geishas sorridentes, na hora do chá.

Conta-se que certo inglez, desejoso de fazer uma viagem de estudos pela França, desembarcou no Havre e foi hospedar-se num hotel onde a gerente era ruiva. O inglez, meticulosamente, escreveu no caderno de notas: "As francezas são ruivas."

Este meu amigo que voltou do Japão aborrecido com a frivolidade sorridente das japonezas, esteve em algumas casas de chá e foi servido pelas geishas. Não hesitou em formar das japonezas um juizo generico, até certo ponto razoavel, porque a polidez japoneza considera o sorriso como um elemento indispensavel á etiqueta. O equivoco vem dahi.

A verdade, porém, é que ha japonezas tão cheias de ardor combativo como as revolucionarias da Russia, as suffragistas da Inglaterra ou as feministas da Allemanha.

Convém portanto que eu mesmo não faça, por ora, nenhum juizo do amor japonez. Talvez não seja um brinquedo. E' um assumpto que, por probidade, devo ir estudar um dia no proprio Japão, sem poupança dos meios investigatorios.

* * *

Numa cousa, entretanto, as japonezas estão evidentemente atrazadas em relação ás mulheres occidentaes: é na burocracia. Emquanto nos paizes da Europa e da America a mulher invade as repartições publicas — a ponto de, na França, terem tomado conta de certos departamentos, como o serviço postal —, só agora é que uma japoneza conseguiu um emprego publico. Essa precursora chama-se Kaneko Morioka, fez um curso superior numa universidade e tem apenas vinte e dois annos. Kaneko Morioka foi admittida como empregada num commissariado de policia de Nakano, perto de Tokio.

Diante da estranheza que o facto provocou, o delegado justificou o seu acto dizendo que tres razões o tinham levado a contractar os serviços da senhorita Kaneko Morioko. A primeira é que uma mulher se contenta com um ordenado menor do que exigiria um empregado masculino da mesma categoria. A prova está em que Kaneco Morioko não ganha mais d qualquer cousa como 150 mil reis. A segunda é que havia conveniencia, para o serviço, em tornar mais agradavel a atmosphera da repartição. A terceira é que o publico sente prazer em ver uma moça trabalhando na sala.

O delegado de policia em questão é psychologo. Entretanto, não deu prova da mesma sagacidade quando impoz á sua collaboradora a regra severa de não dirigir a palavra aos demais empregados senão nas estrictas questões do serviço. A moça ficou tambem prohibida de falar-lhes na rua, mesmo de saudal-os. O commissariado de policia de Nakano não é lugar de pandega — pensa o chefe. "Que bonito dia!" ou "Parece que vai chover!" são frases que não se admittem ali. Porém, Kaneko Morioko deve apparecer vestida com elegancia, caminhar com graça, sorrir com sympathia, afim de que os escrivães se atirem á maçada do serviço com mais gosto. Em summa, Kaneko Morioko entra a collaborar na administração publica japoneza pelos mesmos motivos por que o seu chefe mandaria collocar em cada mesa um vaso de flores. No fundo, é uma geisha da burocracia.

* * *

Não é provavel que as mulheres japonezas se resignem por muito tempo ainda á funcção decorativa que naquelle paiz se attribue ao seu sexo. O facto de cursarem universidades e tomarem parte em conspirações bolchevIques está provando a ansiedade secreta com que ellas aspiram a uma perfeita igualdade de situação social com os homens. O exemplo das mulheres turcas, ha pouco redimidas do harém e do veu, e agora em plena actividade util, a ponto de terem o direito de voto, inflamma os ideaes da mulher oriental. Na India, as mulheres dão o exemplo no combate ao dominio inglez. A cultura despertou a Bella Adormecida no Bosque... Por toda parte ella se instrue, se prepara para a vida pratica e quer collaborar na obra até aqui reservada aos homens por um privilegio egoista.

* * *

Na França o feminismo não está no mesmo grão de progresso de outros paizes da Europa. E' a necessidade de ganhar a vida que obrigou a franceza a concorrer com o homem no commercio, nas repartições publicas e nas officinas. A guerra de 1914 exterminou com um milhão e quinhentos mil francezes. Suas viuvas, filhas ou irmãs tomaram esses logares vagos na mesa de trabalho, no balcão e nos

(Termina no fim do numero).

RIBEIRO COUTO

O PAIZ de Hamlet, a fria Dinamarca, de tão amavel gente, acaba de prestar uma homenagem ao Soldado Desconhecido Francez. O principe Frederico, herdeiro do throno daquelle paiz nordico, foi a Paris collocar a primeira pedra do edificio da Casa Dinamarqueza, na Cidade Universitaria, e aproveitou a viagem para depositar uma corôa de flores na lapide do Arco do Triumpho.

Na gravura acima, o principe Frederico, cercado do ministro do seu paiz e das autoridades de Paris, bem como de um grupo de dinamarquezes ali residentes, curva-se piedosamente, com a corôa de flores.

Essa homenagem é a mais simples, mas tambem a mais tocante. Faz bater o coracão dos que amam a França. "Aqui jaz u msoldado francez morto pela patria". Inscripção despojada de toda emphase, porém cheia de significação. De muitas significações...

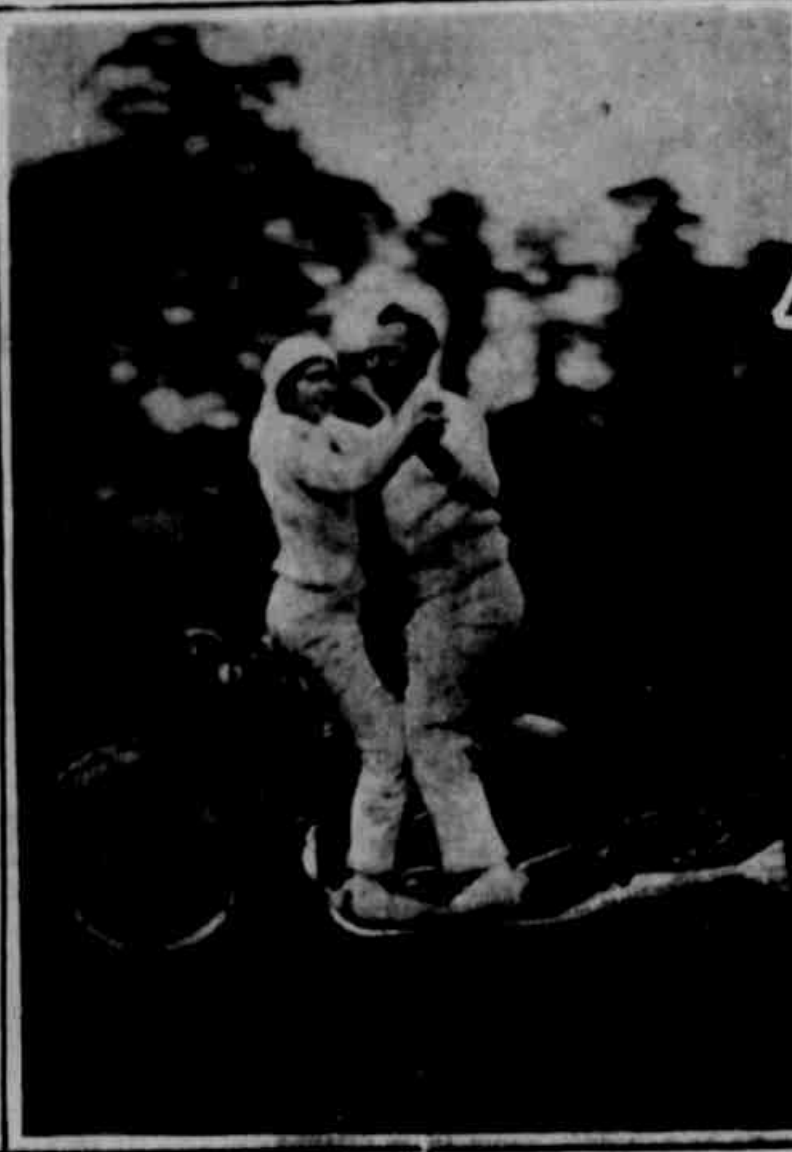
DIVERSAS cerimonias tocantes commemoraram, ha pouco, o "Memorial Day", o dia que os norte-americanos escolheram para glorificar a sua contribuição decisiva á victoria dos alliados, em 1918. Os norte-americanos, apesar das difficuldades politicas que têm surgido entre os governos para a liquidação dos compromissos de guerra, são excellentes amigos do paiz que lhes deu Lafayette, soldado da independencia.

As mães norte-americanas, em grupos consecutivos, estão fazendo a peregrinação da saudade, visitando os cemiterios em que repousam os filhos, no territorio francez. E é exactamente num desses cemiterios de guerra, o de Suresnes, que este pelotão de soldados yankees, no "Memorial Day", está dando uma salva de honra, quebrando, commovidamente, o silencio dos tumulos, em saudação aos companheiros cahidos ha uma dezena de annos.

DA TERRA DOS OUTROS

O centenario da machina de costura? Tambem. Não era bonita, a primeira machina construida pelo alfaiate de Lyon, que se chamou Thimmonier.

Esse honesto alfaiate não era possuidor apenas de uma excellente tesoura: tinha uma chispa de genio. Esse genio deu-lhe para inventar um machinismo que, a principio, pareceu incommodo e não destinado a grande futuro, mas acabou revolucionando a arte do vestuario.

A invenção de Thimmonier que, aliás, lhe valeu muitos aborrecimentos — pois accusavam-no de querer matar á fome os operarios manuaes da costura — acaba de fazer cem annos. E' mais um centenario. Este, sem nenhum exaggero, é digno de todas as rerencias. Homenageia o genio de um homem obscuro e modesto, a quem o mundo deve a industria da costura em todas as suas modalidades actuaes. A gravura mostra a primeira machina de coser, que se exhibe á curiosidade do publico, no Museu de Artes e Officios de Paris, onde se realizou a solemnidade da commemoração. Não era commoda, valha a verdade. A sciencia aperfeiçoou-a, felizmente. E dizer-se que hoje existem até machinas de costura de brinquedo, para crianças...

A Inglaterra não é um paiz facil de boquiabrir-se. No emtanto, a Inglaterra está, neste momento, boquiaberta.

E' que a loura Miss Allen Cutlack e seu irmão, Dick, executam as acrobacias mais arriscadas numa motocycleta a toda a velocidade.

Até aqui, os acrobatas audaciosos costumavam dar cambalhotas, etc., em fios de arame, em lombos de cavallos a galope ou mesmo em bicycletas modestas.

Agora, é montando uma motocycleta em disparada que Miss Allen Cutlack e Dick Cutlack, agilissimos e elasticos, desafiam todas as leis do equilibrio.

Eil-os, no **cliché** junto, ensaiando uma acrobacia. Esperemos que não lhes succeda nenhum accidente e que cheguem á velhice (depois de enriquecerem nesse perigoso trabalho de circo) na posse mansa e pacifica de todas as suas costellas.

NO Bosque de Belleau, no campo de batalha da guerra de 1914 - 1918, está sendo construida uma capella para commemorar a contribuição do sangue norte-americano á victoria dos alliados. Esse facto coincide com a visita, á França, de 350 mães de soldados norte-americanos, pertencentes á associação Gold Star Mothers, composta de 7.000 associadas. Essas mães fazem, actualmente, a piedosa peregrinação dos cemiterios de guerra, ajoelhando-se em cada campa, junto a cada cruz, na terra em que repousam os restos dos filhos. Todas as mães norte-americanas virão, em grupos consecutivos, visitar a França. E' uma das mais commoventes viagens da vida moderna, bem differente daquellas em que as pessôas ricas de Chicago ou Baltimore atravessam o Atlantico para se divertir nos **cabarets** de Paris...

No cemiterio de Suresnes, esta mãe-americana depõe uma corôa e reza junto á campa rasa do filho inesquecivel, herõe da maior guerra de todos os tempos. E a vida continuou... No arvoredo em torno, os passaros cantam a eternidade da vida, a vida que os homens estragam...

A LOS TOROS

A corrida de touros, em Melun, ia seguindo bem, apesar do pouco enthusiasmo dos parisienses por esse divertimento...

As corridas de touros são um attentado aos sentimentos de humanidade?

A moral é uma questão de latitude. Prova: a pergunta acima será respondida na Hespanha, de um modo, na França de outro.

Os hespanhóes dirão um "No!" energico. Tirem as corridas aos hespanhóes. Ficarão sempre hespanhóes, porém, hespanhóes sem corridas—quer dizer, sem vibração, sem domingos de sol, sem o enthusiasmo da arena, sem o espectaculo da destreza e da força, fazendo bater de commoção o coração de todas as Conchitas, Encarnaciones e Panchas da peninsula.

Na França do Norte, as corridas de touros não têm grande favor.

... emquanto a cavallaria, substituindo os toureiros investia contra os manifestantes e protestarios furiosos...

... porém, com a intervenção de 600 membros da S. P. dos Animaes, foi preciso algemar muita gente...

E' preciso descer ao Midi, entre os campos de oliveiras e de centeio, para encontrar um publico de tempera hespanhola. Em Nimes, em Arles, em Tolosa, em Perpignan, em Marselha, em Toulon e outras cidades meridionaes as corridas de touros — os touros pequenos e nervosos da planicie da Camargue, cantada por Mistral — despertam a alegria da multidão. E', ainda assim, uma multidão puramente operaria, ou da pequena burguezia. As camadas cultas são quasi unanimes em reprovar a matança publica dos animaes enfurecidos, espicaçados pelas bandarilhas. No emtanto, essa mesma gente come o seu bom bife e não passa sem o seu bom prato de miudos de vitella... Ha dias, em Paris, a Sociedade Protectora dos Animaes resolveu manifestar-se contra as corridas de touros de Melun, num circo popular. O céo cinzento de Paris não admitte o espectaculo sangrento das estocadas que em Avignon ou Tarascon já provocam a fremencia dos meridionaes. Paris é para a graça, o espirito, o trocadilho, a zombaria fina. Abaixo a barbaridade! gritaram seiscentos membros da Sociedade, que foram para o campo de corridas impedir o attentado. Ora, a policia tinha permittido a corrida; logo, tinha que garantir o direito dos empresarios e do publico que ali fôra, mais por curiosidade que por gosto. De modo que o choque foi inevitavel. Os seiscentos protectores dos animaes tomaram de assalto a arena e nterromperam a demonstração tauromachica. Seguiu-se o conflicto. A cavallaria interveio.

Os defensores dos animaes sabiam, antes de tudo, defender-se a si proprios e usaram de todos os systemas de sôco e pontapé até hoje conhecidos. E nada menos de quarenta prisões foram feitas.

Nossos clichés mostram o campo de corridas de Melun, a prisão de um manifestante (que vae algemado, entre o riso das mulheres da assistencia) e a intervenção da cavallaria procurando separar o povo em luta.

Fóra de duvida, o melhor do espectaculo foi o conflicto. Valeu.

FRUCTA DO MATTO

De uma leveza de pluma,
Quando passas descuidada,
Teu corpo a terra perfuma,
Teu olhar clareia a estrada.

Como a jurity faceira
Na sombra azul do pomar,
Tu cantas a tarde inteira:
"Ah! quem me déra te amar!"

No teu vestido de renda,
Que tu cozeste brincando,
E's bem o sol da fazenda,
Entre as paredes sonhando.

Morena alguma te eguala
Em perfeição e fulgor.
Na meia luz desta sala,
Pareces mais uma flôr.

Desconhecendo a malicia
Que ha num leve galanteio,
Tu me lembras a caricia
Sentimental de um gorgeio.

A graça em ti é tão pura,
Tão transparente e subtil,
Que eu te comparo á doçura
Das noites brancas de abril.

Nos teus cabellos ardentes
(Quem te fez assim tão linda?)
Vivem beijos imprudentes,
Dorme a noite que não finda!

A tua pelle é macia
Como a carne do lilá...
Bemdita seja a alegria
Que a primavera te dá!

Para gabar-te a belleza,
Vim da cidade em que moro,
E é de joelhos, princeza,
Que apaixonado te adoro.

Trazes na boca cheirosa,
Que é vermelha sem carmim,
Um fresco botão de rosa,
Aberto só para mim.

Se o teu pudor me fascina,
O teu sorriso me encanta:
Entre mulher e menina,
Tens qualquer coisa de santa.

A gloria, que me deslumbra,
Não vale o teu esplendor.
Prefiro a treva e a penumbra,
Tendo em troca o teu amor.

As estrellas têm vergonha
Quando, de longe, te fitam:
Da mais bella á mais risonha,
Todas, medrosas, te evitam.

E os astros de ouro, em tumulto,
Tremeluzindo, eis que vêm
Fazer côro com o teu culto,
Porque és estrella tambem!

Troveiro da minha terra,
Beijo-te as mãos com recato:
Que linda planta da serra!
Que linda planta do matto!

Do livro "Céo Tropical".

OSORIO DUTRA.

A Exposição Internacional de Cães

Foi no campo do Club de Regatas do Flamengo. Concorreram mais de 100 cães de 22 raças. Ganharam premios: Scottish-terrier, do Sr. A. de Alvim Menge; Boston-terrier, do Sr. G. K. Stark; Pekinezes, da senhorita Eliane Huber, da senhora M. L. de Menezes, do Sr. Ivan Iberê Bernardes, da senhorita Noemia Fonseca; Bull-dog francez, da senhorita Nora Schmidt; Toy-terrier, das senhoras Gomes Nye, Thereza Araujo e do Sr. J. Monteiro Guedes; Pomerania, das senhoras Lacerda e Cid; Griffon-havanez, do Sr. A. Carneiro; Pastores, do Sr. E. T. Fernandes, da senhora Hilda Bezerra, dos Srs. Maximo Barreto, Rodolpho Staffa, da senhorita Marina Lopes, dos Srs. Pinheiro Couto, Antonio Buarque Moreira, Othon M. Vianna; Groenenadel, da Legação da Polonia; Collie, dos Srs. Nelson de Carvalho, Cavalcanti e Araujo Lima; Guarda, do Sr. Otto Friederich; Allemão, do Sr. O. Machado; Bull-dog inglez, dos Srs. Mostardeiro, Costa Ribeiro, Duarte Moreira; São Bernardo, da senhora Nair de Teffé; Pointer, do Sr. Coronel Ferreira Mendes; Borzoi, do Commandante Pinto de Freitas; Whippet, do Sr. Cerqueira Lima; Dachs, da senhora Chrysolina de Oliveira; Smooth, da senhora Lafayette de Freitas; Wire haired, da senhorita Helena da Silva Guimarães; Langha-arige, do Sr. Henrique W. Ebarlé.

Casa Marcilio Dias

Desde o outomno começa a reunir-se a alta sociedade carioca. E a pratica da philantropia por essa gente afortunada tambem se põe em actividade para a organização de festas que nos dizem do espirito artistico e generoso do nosso "grand monde", ao qual se alliam as figuras mais em evidencia do nosso intellectualismo.

Para a Casa Marcilio Dias já se havia feito representação como a da ultima quarta-feira que constituiu a nota da semana, como em Dezembro de 1929 fôra o successo dos successos.

A peça, a mesma, fantasia-revista "A Legenda da Marinha", planejada pelo almirante Sousa e Silva (Aucarsouva) e escripta e enscenada por Gastão Penalva e Velho Sobrinho.

Mas era preciso, antes mesmo da representação no Municipal, ouvir algo de um dos organizadores da bella noitada que vinha em "reprise" conseguindo attrahir todas as attenções.

Assim, num domingo luminoso e quasi estival, quando muito boa gente sáe a passeio correndo as bellas estradas de automoveis, outra se diverte nas praias de banhos ou nos cinemas e theatros, e muito gente boa fica em casa presa á mania da sésta ou a aproveitar o tempo em leitura que a vida da semana activa tão pouco permitte, procurei Gastão Penalva, um dos autores e enscenadores da "A Legenda da Marinha".

No bairro da Urca, a casa do apreciadissimo jornalista fica de frente para o mar, nesse dia, estava de grande gala, guarnecido de embarcações embandeiradas para a primeira regata do anno.

O povo de hoje está, mais do que nunca, cultivando o amor ás collecções. E Gastão Penalva reuniu na sua casa bellissimas porcelanas e faianças antigas de diversas procedencias especialmente estatuetas francezas do 1º Imperio, chicaras, terrinas, medalhões e travessas.

Foi o primeiro assumpto, e interessou Gastão Penalva como á minha curiosidade atiçára.

— Não entendo disso, quer dar-me algumas explicações ?

— Com muito gosto. Ha ali louças dos tres reinados do Brasil. Do outro lado, á sua direita, pratas brazonadas, desde D. João VI aos ultimos titulares da monarchia.

Senhora Almirante Marques Couto e Gastão Penalva

Acompanhando a parede da escada que dá acesso ao primeiro andar, faianças das Caldas da Rainha, do tempo de Rafael Bordalo Pinheiro. Em grande numero tambem, espalhadas pelo "hall" do pavimento superior. Associa-se a tudo isso uma collecção de imagens sacras do seculo XVIII e XIX. Todas essas reliquias num ambiente severo de severos moveis coloniaes.

Gastão Penalva, que me disse p a l a v r a s enthusiasticas ao "Para todos...", prestou-se gentilmente a fornecer dados sobre a grande festa para a Casa Marcilio Dias, instituição fundada para abrigar e educar os filhos dos sub-officiaes da Armada.

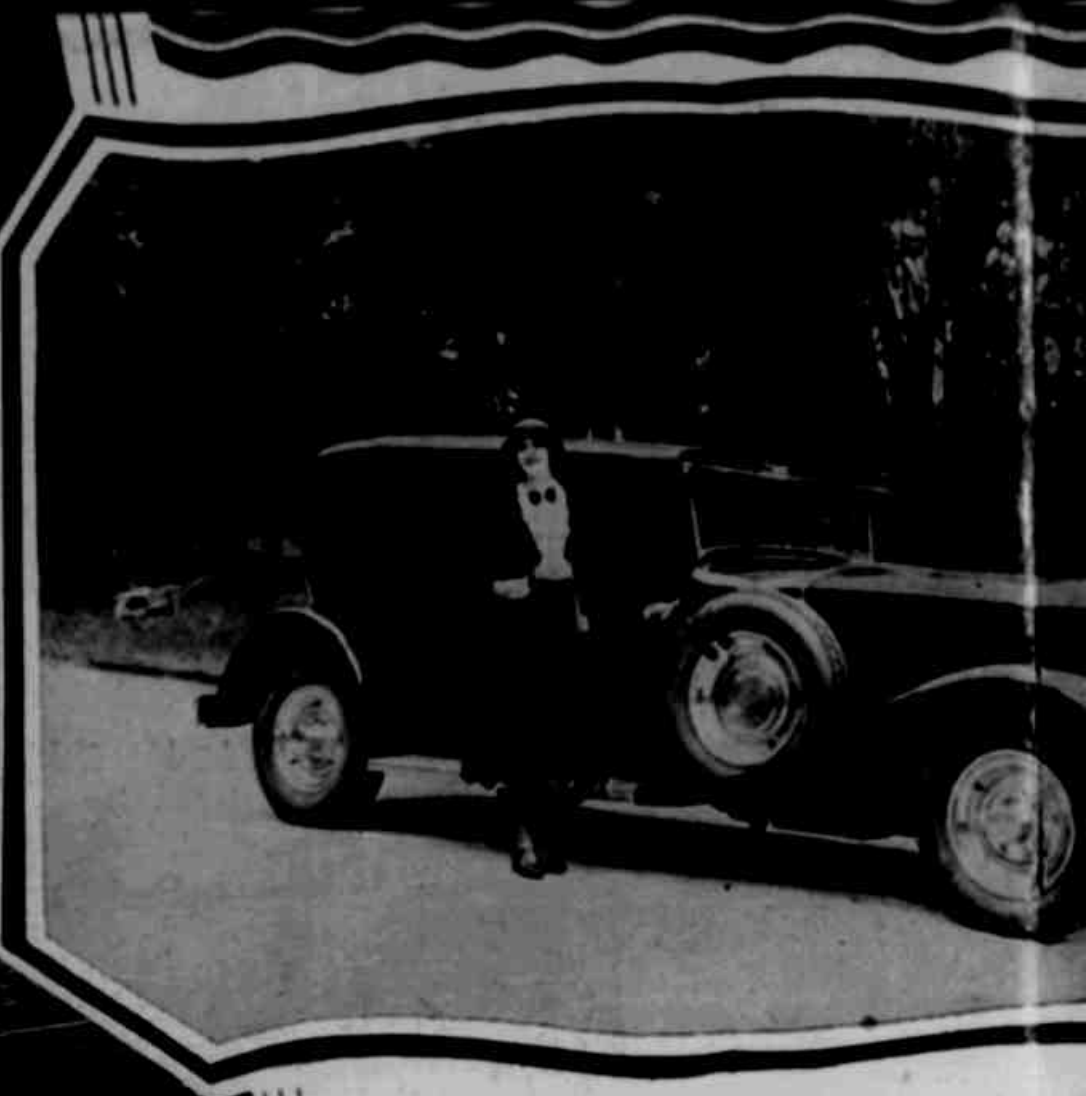
— A' revista addicionaremos numeros novos: a Imprensa, encarnada por Zilah Sarmento; e, como o tempo é das "misses" — disse-me elle — não podiamos deixar de homenagear a belleza, figurando Miss São Paulo como Bandeira Nacional, e Gloria da Marinha, Miss Rio de Janeiro. A parte musical a cargo da senhora Almirante Marques Couto, elemento esforçadissimo e de notavel competencia artistica. Alguns numeros do Deputado Thiers Cardoso. Tambem um bailado de motivos lendarios marinhos executado pelo professor Pierre Michailowsky e Vera Grabinska, musica de A. Catalani. Além disso uma comedia de Velho Sobrinho "Plano de Guerra", scenas da vida de Marinha. Os scenarios da "A Legenda da Marinha", soberbos. Convez á ré do "Minas Geraes". Panorama: o fundo da bahia, parte de Nictheroy, boias luminosas, luzes de navios, etc. Conhece a peça ? — perguntou-me o escriptor.

E proseguiu: simples, a symbolização do Espirito da Marinha Moderna em dialogo com a Marinha do passado representada pelo velho Tamandaré.

Ainda crepitava o sol illuminando o mar em festa, quando eu deixei a residencia de Gastão Penalva, muito contente por ter ouvido algumas palavras de um dos autores da "A Legenda da Marinha", que se ia representar e se representou no Municipal, onde os grandes fócos electricos illuminaram a festa esplendida oriunda de espiritos tocados pelo vivo clarão da bondade.

A L B A D E M E L L O

Guilherme de Almeida na Academia Brasileira

O poeta da "Raça" e Olegario Marianno que o recebeu. Academicos. A sala elegantissima do Petit Trianon.

Miss França 1930

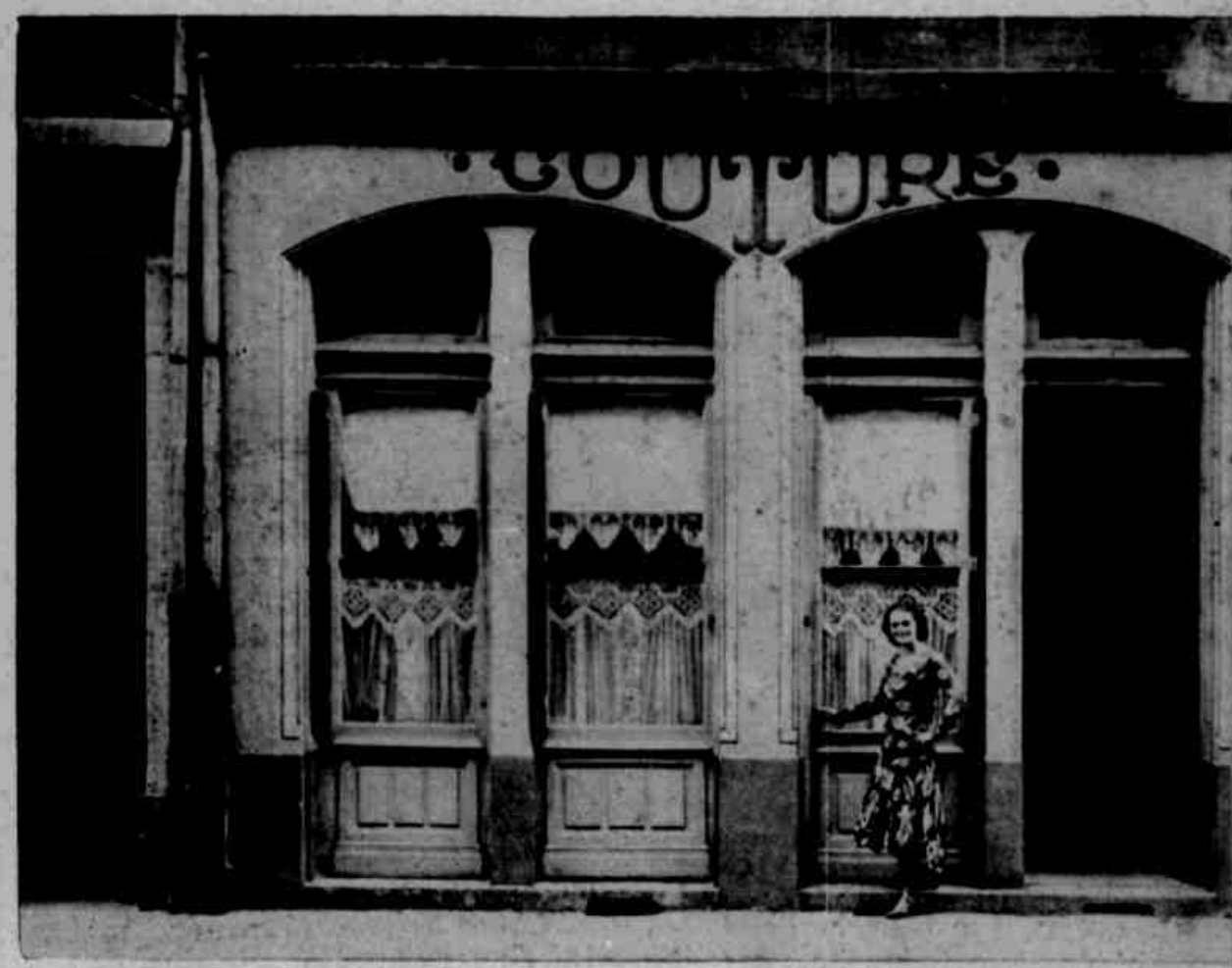
Dos seis mezes aos onze annos.

Em cima, á esquerda: o grande p[...]
Van Dongen fazendo o retrat[...]
Mademoiselle Yvette Labrouss[...]

Photographias de Mademoiselle Yvette Labrousse enviadas por ella a "Para todos..."

ça

...ande pintor ... retrato de ...abrousse.

Concurso Internacional de Bellez...
promovido e organisado pel' A N...

Em frente á casa de costura que ella dirige na cidade de Lyon.

"Para Todos..." entrevista Miss França

Já se foi o tempo em que Mimi Pinson, a deliciosa creação de Alfred de Musset, almoçava no Jardim do Luxemburgo com dois tostões de batatas fritas, um pedacinho de chocolate... e um ramo de violetas. A vida tornou-se muito difficil, suas exigencias muito duras: não ha mais logar para os sentimentaes e os sonhadores. Não se póde mais pensar sómente no dia que passa, como no "bom tempo". E' preciso lutar com todas as forças para regular a existencia da melhor fórma possivel, ou então succumbir. Por isso, não são sómente os cabellos curtos, os vestidos curtos, os habitos sportivos, a paixão de fumar que transformaram a mulher; é um conjuncto de costumes, de idéas, de maneiras de ver que traça uma valla profunda entre o passado e o presente.

Mademoiselle Yvette Labrousse, Premio de Belleza de 1930, é bem do seu tempo. Costureira, Miss França não tem nada de uma Mimi Pinson, nervosa e romantica. Muito ao par das cousas deste mundo, ella sabe que a belleza é um capital, cuja importancia e cujos juros facilmente se dilapidam e que é preciso collocar vantajosamente emquanto é tempo.

No momento, eil-a atirada á fornalha da actualidade. As modistas, os pintores, os esculptores disputam-se a sua preferencia; os jornalistas assediam-na, os colleccionadores bombardeiam-na de pedidos de photographias e ha sempre uma legião de apaixonados suspirando á sua porta. Seus dias são todos tomados por mil compromissos e futilidades como se fôra uma rainha.

Um bilhetinho perfumado avisa-me que ella me receberá ás seis horas. A's seis e cinco, Miss França atravessa arrebatadamente o "hall" do Hotel d'Orsay, acompanhada de um negrinho sorridente carregado de flores, de caixas de chapéos, de embrulhos de todos os tamanhos e dimensões.

Trazem uma magnifica "corbeille" de violetas:

— Que?... Violetas?... Não quero. Jogue isto fóra.

— Mas são do barão de...

— Nem que fossem do rei da Inglaterra. Violetas dão azar. Vá dizer isso ao seu barão...

Emquanto ella lê rapidamente a sua correspondencia, observo-a de soslaio. Não ha duvida, é uma linda mulher! Alta, de porte altivo possue essa graça orgulhosa que acorrenta os corações masculinos. E' robusta e fina ao mesmo tempo. O rosto redondo é de uma delicadeza exquisita, os cabellos castanhos, os olhos sombrios, como queimados de impaciencia, olhos devorados do desejo de ver e de conhecer, as narinas frementes, Miss França é bem representativa da moça moderna. Debaixo do encanto feminino, descobre-se uma boa, forte e firme natureza. Força de vontade na doçura, energia na graça.

Apresento-me, exponho a minha missão. Aos meus elogios, ella responde com voz firme e bem timbrada, confessando gentilmente, sem falsa modestia, suas bellas ambições, seus desejos para o futuro...

— Oh, la la! Monsieur, que vida, que vida a minha! Já não posso mais. Emfim, vocês jornalistas têm isso de bom que sabem aquillo que querem, e quando se acaba

MISS FRANÇA DE 1930
Desenhada por ella mesma

com vocês, fica-se socegado. Pois bem. Faça lá suas perguntas; mas depressa, depressa. Dou-lhe dez minutos. Não basta?

— Vamos experimentar. E' lyoneza, não é?

— Nasci em Cette. Quando tive seis mezes, meus paes foram para Cannes, onde meu pae era recebedor de bondes. Mais tarde, quando alcancei a idade de doze annos, fomos morar em Lyon, e por isso sinto-me lyoneza de coração. Lá passei toda a minha mocidade a sonhar em cousas impossiveis. Quizera viver sete existencias ao mesmo tempo, imagine só! Sentia como um orgulho em fazer-me a mim mesma uma vida bella e gloriosa. Deus não me fez como sou, sem ter algum designio secreto, pensava. Sentia-me bonita e nada embelleza mais do que essa certeza. Por vezes, ficava triste e desanimada; pense: sou de origem modesta e sem a menor fortuna. Certo dia, pensando no meu futuro, minha mãe teve a idéa de me estabelecer com uma casa de "lingerie" em Lyon. Idéa desastrada! As mulheres não usam mais hoje em dia, debaixo de seus vestidinhos, senão minusculas combinações ou mesmo não usam nada. Ninguem quer mais saber da bella "lingerie", como outrora. A mulher sportiva, a mulher moderna deu cabo disso tudo. Então, estabeleci-me costureira e minha lojinha foi prosperando. Acabo agora de fechal-a para poder exercer correctamente o meu "métier" de Miss França.

— E depois? Que tenciona fazer? Cinema?

— Não sei ao certo. Mas, diga-me uma cousa, por que será que as grandes estrellas morrem moças, suicidam-se ou acabam victimas de nevroses, de neurasthenia, de toxicomanias? Madame de Staël disse um dia que a gloria, para a mulher, não é senão o luto rutilante da felicidade. E' verdade que ella era feia como o que e teria com certeza dado toda a sua gloria literaria para ter uma carinha de "midenette"... Na verdade, tenho medo dessa vida agitada, tempestuosa e licenciosa, sem a qual a imaginação se entorpece e o talento morre. E depois, quem diz que eu teria talento?

— O casamento, — então?

— Ahi tambem, tenho cá minhas idéas. Houve uma época em que todas as peças de theatro terminavam por um casamento, que era considerado um desenlace feliz. Os autores modernos tomam-no mais como um ponto de partida, que não leva a nada de bom. Da mesma fórma, quando eu era menina, imaginava que o amor consistia em ser primeiro muito infeliz e em seguida muito, muito feliz. Mas na vida é geralmente o contrario que acontece. Então?...

— A senhora só vê o lado ruim das cousas...

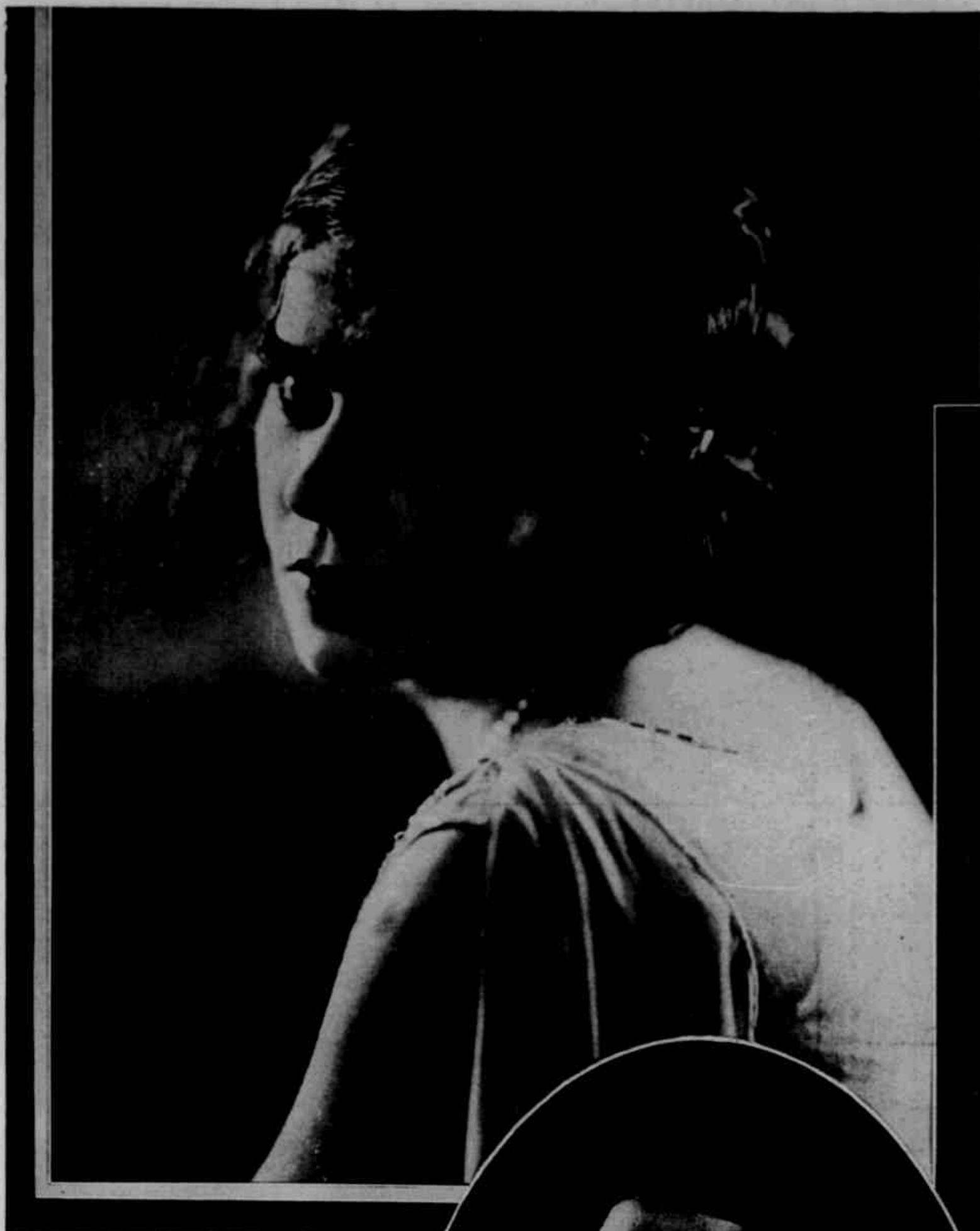
— Reflecti muito, foi o bastante. Por exemplo, ha preconceitos que não posso supportar: acabo de ler, não sei mais onde, que "a mulher é feita para amar o homem, e o homem para amar a Deus". Depois disto, que nos resta a fazer? São idéas de mussulmanos: a mulher? isso não conta!

— Isto foi uma pilheria de Ernesto Renan. Acredita que a mulher tenha a intelligencia do homem?

— E por que razão a mulher teria "a intelligencia do homem"? Antes de mais nada, ha homens imbecis. Mas por que razão seria a mulher, no dominio intellectual,

(Termina no proximo numero).

Districto Federal

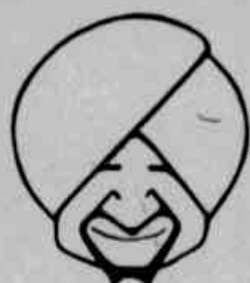
Duas poses de Miss São Christovão, senhorita Sylvia Almeida Barbosa.

Estado do Rio

Senhorita Irene Wilmann Pereira, 2º logar em Nova Iguassú.

Senhorita Diva Marinho, Miss Nova Iguassú.

"E' do outro mundo!"

O final do primeiro acto, a dansa acrobatica, o Taióba Club e os Fuzileiros Navaes da revista de J. Carlos que está fazendo um successo doido no Theatro Recreio.

Lely Morel

Domingos Terras

Mesquitinha

Caricaturas de J. Carlos

Cinema Falado Theatro Mecanico

O PRIMEIRO film falado em hespanhol, lingua que todos os que falam portuguez comprehendem, exhibido recentemente no Imperio, veiu demonstrar aos que duvidavam ainda do triumpho da discutida invenção, as enormes possibilidades desse novo genero de cinema. Vale, realmente, por um grande avanço de uma arte que, por surprehendente e maravilhosa que fosse, era incompleta, anti-natural. Não se concebe, na verdade, que o homem se pudesse considerar satisfeito, assistindo a um espectaculo em que a sua figura apparecia cheia de vida e mesmo de emoção, mas privada de um dos seus principaes attributos — a voz.

A arte cinematographica com todo seu portentoso desenvolvimento e seu brilhante progresso não estava, senão, em um periodo de transição. Agora, não, chegou onde, sob pena de trair os seus fins, devia chegar.

A impressão que sempre pretendeu causar é, com o sónoro, integral e quasi perfeita.

O estudo do som, dos apparelhos do som, bem depressa supprimirá o quasi.

Teremos, então, o cinema-theatro mecanico, uma arte que reproduz outra, mas com possibilidades infinitamente maiores do que essa outra.

Sentiram isso, por certo, quantos foram vêr "O corpo de delicto".

Quanto mais interessantes eram aquelles artistas que conheceramos mudos, falando, externando pela palavra o que sentiam ou pensavam!

E prendiam muito mais a attenção, porque o espectador, como no theatro, não podia pensar em outra coisa senão no espectaculo a que assistia, o que nem sempre se dá, na projecção silenciosa.

Ha nisso um grande mal para o theatro? Absolutamente, não! Os pianos mecanicos aperfeiçoados, tocam como talvez nenhum pianista no mundo consiga fazel-o, a technica perfeita, a emoção justa.

Os Brailowsky, porém, farão sempre delirar as multidões.

SPINELLY, QUE VEM DE PARIS, COM UMA COMPANHIA DE COMEDIAS, PARA O RIO.

Não sei porque não ha de se dar o mesmo com o theatro e o cinema falado.

Penso, ao contrario de muita gente, que a invenção malsinada só bem fará á arte de representar. E' um poderoso elemento de divulgação do theatro, creando, por toda a parte, publico para os artistas que se apresentam em carne e osso.

O que é preciso é que se fabriquem films em portuguez.

O que não póde continuar é esse martyrio de se assistir, sempre e sempre a uma peça toda dialogada em uma lingua de que não se comprehende uma palavra.

Isso, sim, matará o cinema falado.

A mudez, nesse caso, é mil vezes preferivel á fala. E a crise, que anda por ahi, latente, alarmando os cinematographistas, se accentuará e terá consequencias gravissimas para a industria.

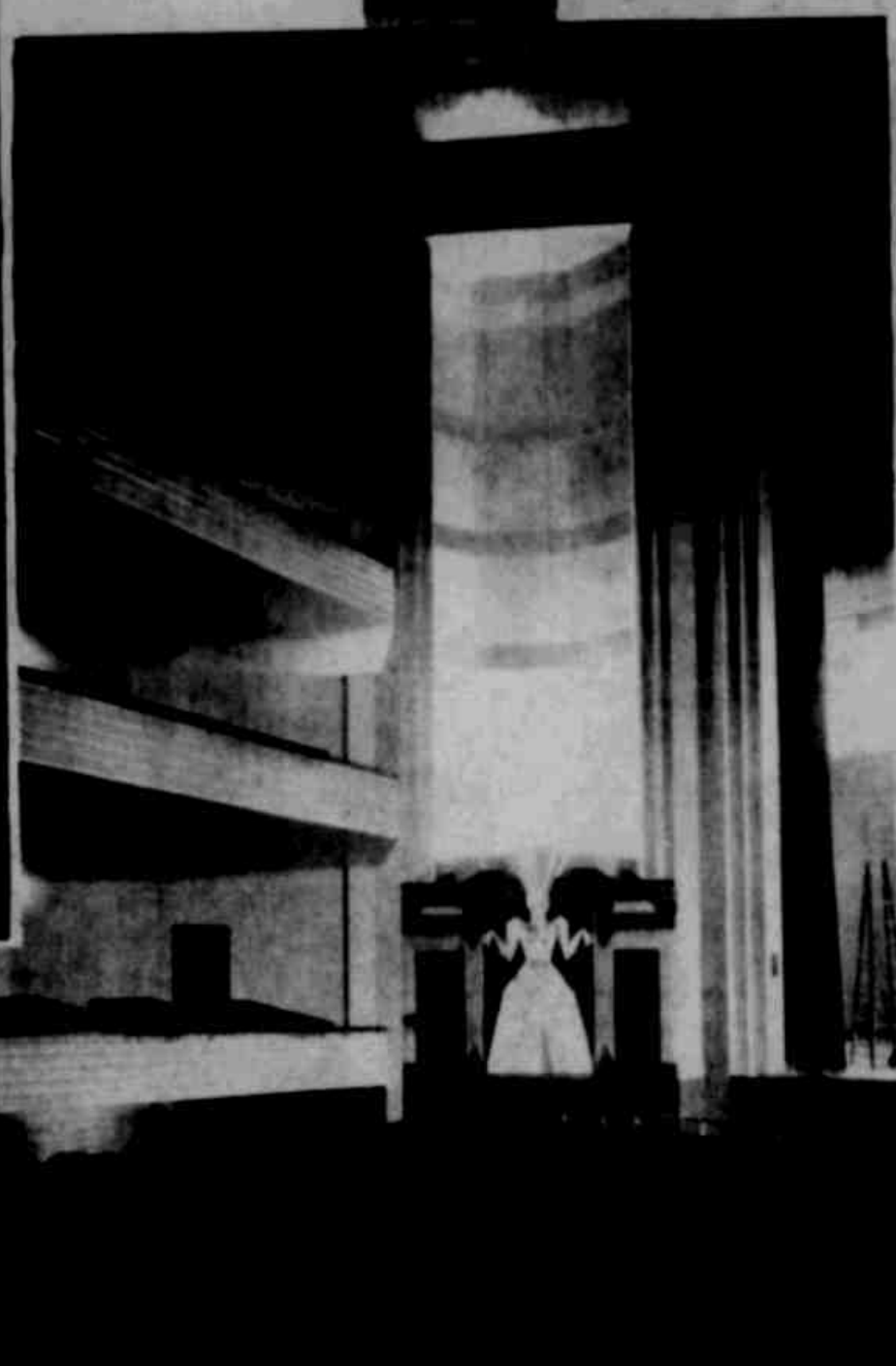
Por isso, a iniciativa de Oduvaldo Vianna devia encontrar éco retumbante e merecia o immediato apoio de todos. Mais tarde ou mais cedo o assumpto terá de ser encarado com firmeza e levado a termo.

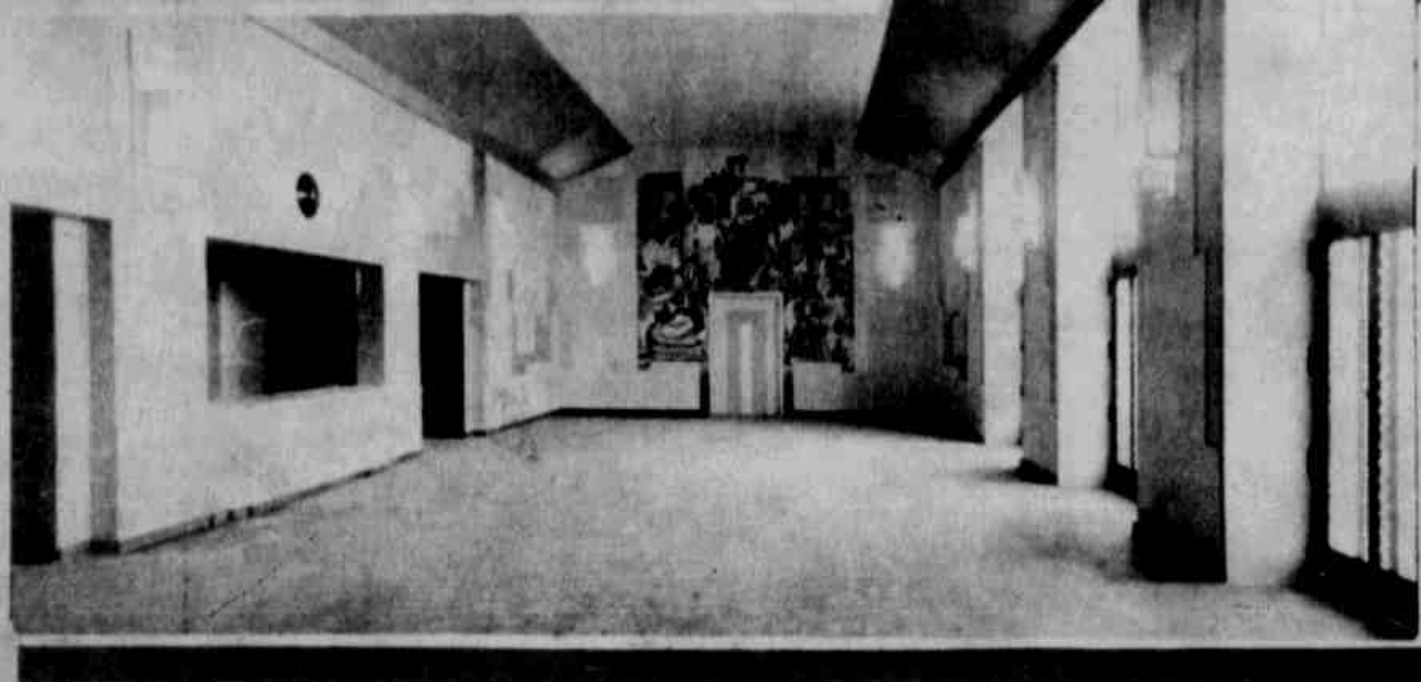
Pois não era melhor cuidar disso quanto antes?

Emfim, esperemos.

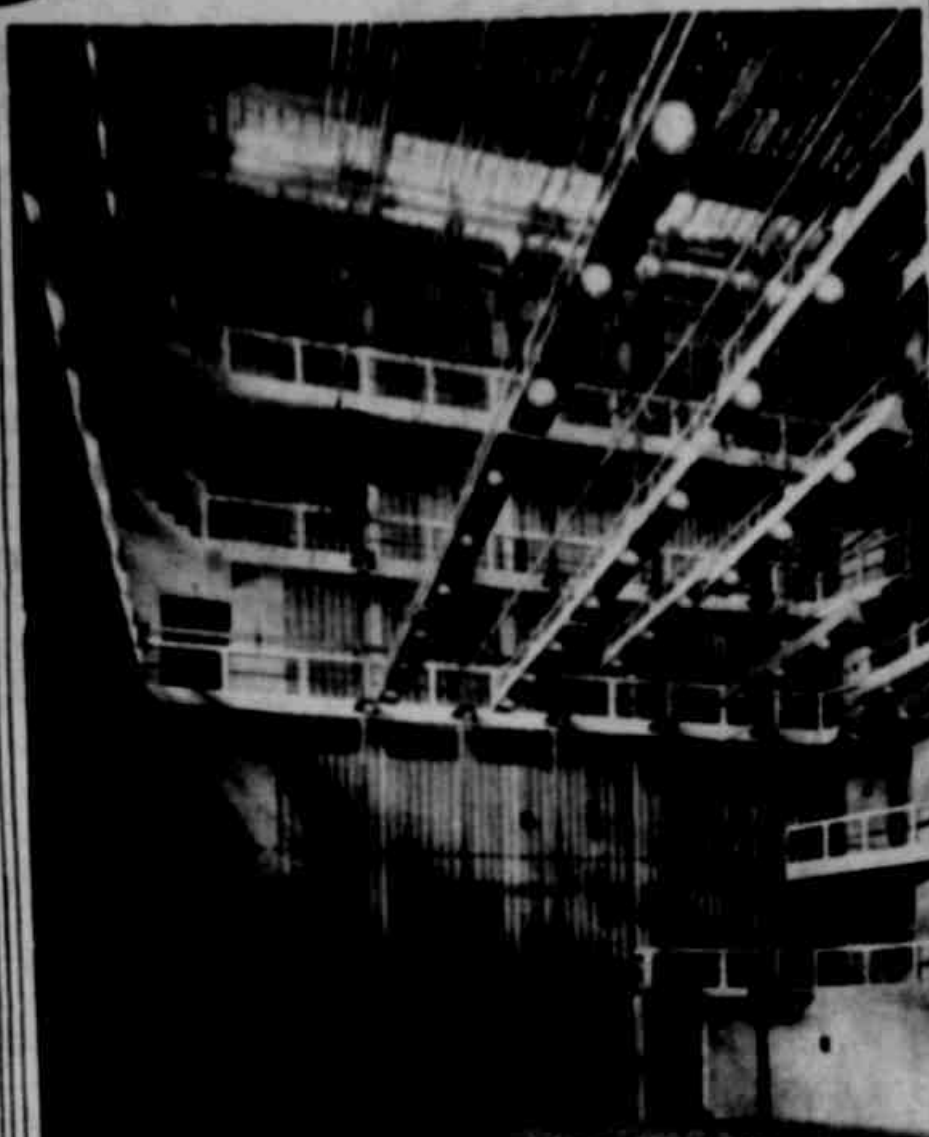
O novo Theatro

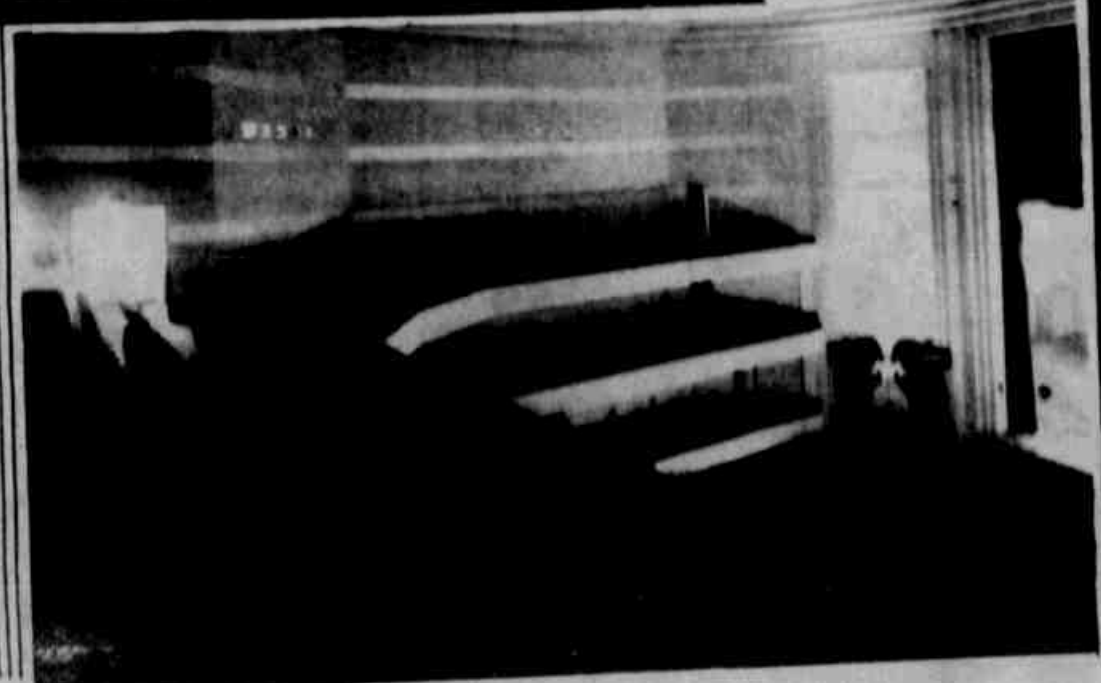
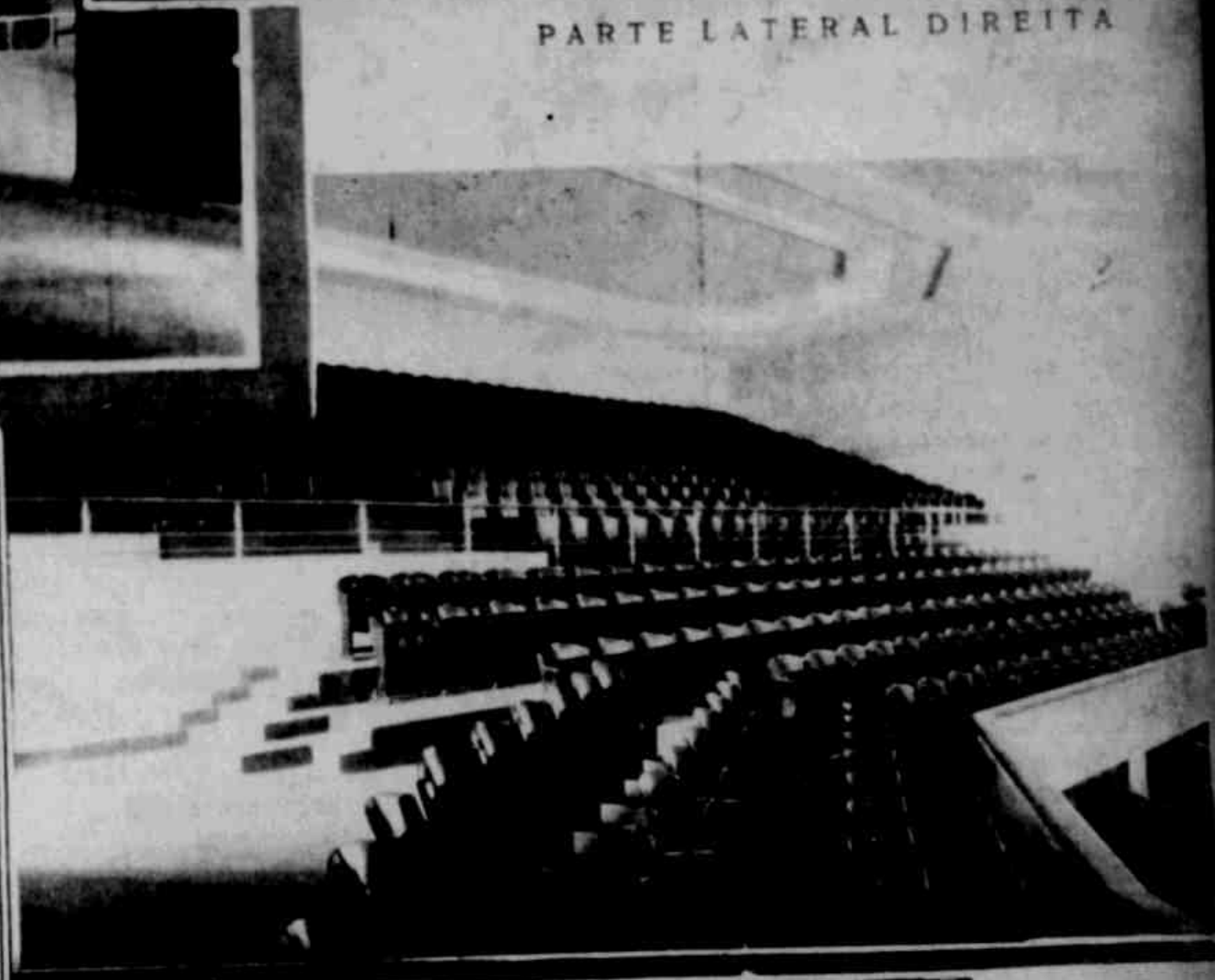
**Abre-se hoje para o publico a mais bonita casa de espectaculos da America do Sul.
E abre-se com uma companhia que vem trazer a estas paragens o mais moderno repertorio de operetas - revistas.**

A FACHADA

A ENTRADA

SAGUÃO DECORADO POR DI CAVALCANTI

DOIS ASPECTOS DA SALA DE ESPECTADORES, UM DELLES COM O CAMAROTE DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

João Caetano

ILLUMINAÇÕES DE SCENA

PARTE LATERAL DIREITA

SERVIÇO DE LUZ

BALCÕES E GALERIAS

A PLATÉA VISTA DO PALCO

Desenho de J. CARLOS

GANDHI O REVOLUCIONARIO MYSTICO

A attenção do mundo está voltada neste momento para duas questões palpitantes. Dous movimentos de finalidades differentes e de valores oppostos. No occidente a campanha anti-religiosa, em má hora movida pelos "sovietș", e no oriente o recrudescimento do movimento nacionalista indú, que vem de assumir um caracter extremamente grave, após a resolução assentada no Congresso Nacional de todas as Indias reunido em Lahor, em Desembro ultimo, não mais reconhecendo vigencia das leis inglezas em seu territorio, o que equivale ao primeiro acto de rebeldia promulgado officialmente pelos referidos congressistas contra a Grã Bretanha. Nelle tomou parte saliente o leader nacionalista Gandhi, que, indicado pelos seus collegas para presidente do Congresso, declinou da honraria, afim de chefiar resolutamente a campanha de desobediencia civil, que constitue a ultima etapa do movimento libertador silenciosamente medrado no espirito do povo indú.

Não é de hoje que as attitudes altruisticas desse grande vulto do oriente, votado ao idealismo, vêm despertando interesse nos grandes centros mundiaes. A curiosidade em torno da sua pessoa tem conduzido á India successivas levas de peregrinos, entre os quaes se contam innumeros europeus e americanos. Não ha muito que, entre nós o pastor protestante Stanley Jones fez referencias excepcionaes a personalidade suggestiva de Gandhi, com quem esteve em contacto, attribuindo-lhe uma missão especial, em vista das suas excepcionaes virtudes espirituaes, no que fez tão somente reproduzir a opinião quasi unanime de autoridades que visitaram o Indostão.

De resto, o mysticismo indú já o proclamou ha muitos annos Mahatma, denominação essa conferida aos Grandes Espiritos que servem de guias no caminho da evolução e da perfeição moral. O seu lema tem sido, atravez de todos os actos por elle praticados, o combate systematico á injustiça e á iniquidade, contra as quaes entende ser um dever resistir com alma, embora sem a iniciativa da violencia.

E' um revolucionario, um reformador, como Christo, maximé quando declara haver dedicado sua vida á causa da humanidade com o intuito enaltecedor de transformar os homens, tornando-os melhores.

Mahatma Gandhi ou seja Mohan Das Karam Chand Gandhi, seu verdadeiro nome, nasceu na cidade de Purbandar, em Guzerat, a 2 de Outubro de 1868, duma familia de Vaishyas, sendo filho do primeiro ministro de um dos estados indianos de Kathiawar. Gandhi recebeu na infancia uma educação estrictamente orthodoxa. Os seus paes obstinavam em impor-lhe, como sectarios do Brahmanismo exoterico, os dogmas religiosos a que obedecia a sua casta, contendo preceitos iniquios e absurdos, qual o de não permittir o menor contacto entre ella e os "Shudras" que constituem a plebe. Surgiram, então, as primeiras demonstrações do caracter insubmisso e intransigente do joven vaishya que, orientado pelos seus sentimentos philantropicos, propositadamente praticava muitos actos prohibidos pelos paes, mas que em consciencia não se lhe afiguravam menos dignos.

Concluida a sua educação na India manifestou desejo de aperfeiçoal-a na Inglaterra, para onde embarcou e onde começou por tentar uma adaptação ao meio occidental espiritual e materialmente, acceitando idéas e habitos antagonicos, por assim dizer, áquelles entre os quaes vivera no oriente. Não obstante ter verificado, em pouco tempo, ser isso impraticavel, matriculou-se numa universidade ingleza, formando-se em direito em 1890, quando regressou á sua patria.

Desde o inicio da sua carreira profissional, revelou-se dotado de excepcionaes qualidades, que o recommendavam como advogado. Em 1893 foram solicitados os seus serviços pela colonia indiana da Africa do Sul, verificando *de visu* as humilhações a que eram submettidos os seus compatriotas, juntamente com os nativos, aviltados uns e outros pelo chicote estrangeiro. Com tal devotamento advogou a causa de todos, agindo com tanta habilidade contra a innominavel violencia que forçou o celebre accordo "Gandhi-Smuts", em cujos dispositivos viu incluida a maior parte das suas justas reclamações. Foi esse o primeiro assignalado triumpho da sua gloriosa carreira. Nessa campanha poz á prova, pela primeira vez, o seu methodo original de combate á prepotencia dos governantes, o mesmo utilisado actualmente na India, e que se resume na resistencia passiva.

O governo Brittanico, mão grado os poderosos recursos de que dispunha, teve de ceder na Africa do Sul ao espirito organizador de Gandhi que, promovendo a educação da massa, obteve effeitos decisivos com a sua campanha. Divergindo embora da Grã Bretanha, o sabio indú continuou a confiar no espirito de justiça dos seus homens, e prova disso nos deu, assumindo posição ao lado dos inglezes, quando se feriu a guerra dos Boers.

Durante a conflagração européa, achando-se na Inglaterra, teve novamente occasião de demonstrar as suas sympathias pelo seu povo, organizando um serviço de Cruz Vermelha e, quando em 1917 attingia a peleja sua phase mais aguda, necessitando o governo inglez do auxilio urgente da India, Gandhi para lá se transportou e obteve dos leaders indianos a desistencia dos seus propositos de embaraçar ainda mais a situação já tão critica do Reino Unido, impondo-lhe um pacto, mediante o qual fosse reconhecida a autonomia do seu paiz. Foi esse, sem duvida, o grande erro da sua vida politica, perdendo a unica opportunidade, nos estrictos limites da sua fórmula de libertar o povo Indú do jugo estrangeiro. Illudiu-o a sua boa fé. Acreditou demais na palavra dos dominadores que se haviam compromettido, em troca do apoio material, a sellar com elle um tratado, garantindo á India um regimen constitucional.

Finda a guerra européa, o povo indú aguardou alguns mezes o cumprimento da promessa de autonomia que lhe fôra feita pela Inglaterra, o que não se verificando provocou manifestações de protesto em todas as provincias. Realisaram-se *meetings* em centenas de cidades, verberando o inexplicavel procedimento do governo inglez. Dentre essas reuniões houve uma, em Amratsar, na provincia de Punjab, que teve um desfecho tragico. Em vista da enorme aglomeração de nativos, dando mostras de grande exaltação, um general inglez, de nome Dyer, atemorizado, estabeleceu o cerco do local e, sem prévio aviso, mandou assestar o fogo das suas metralhadoras contra a multidão indefesa. Como consequencia subiram a centenas as victimas da chacina, negando-se aos feridos, durante 48 horas, quaesquer soccorros, e culminando a deshumanidade em torturar-os com a sêde. Essas occurencias exerceram sobre o espirito de Mahatama Gandhi, como era de prever, enorme influencia, abalando profundamente as suas convicções em respeito aos sentimentos do povo inglez. Aguardou, comtudo, a palavra de Londres, insistindo, em nome dos principios humanitarios,

(Termina no fim do numero)

ARMANDO DE LACERDA

O DIA DO NAVIEIRO E EM HOMENAGEM AO CENTENARIO DO URUGUAY

Em cima: antes do almoço offerecido, no Jockey Club, ao major Camilo Corradi, Addido Militar Argentino, por officiaes do Exercito Brasileiro.

No centro: o presidente do Centro de Navegação Transatlantica, commandante Muller dos Reis, ladeado pelo Presidente da Republica do Uruguay, Dr. Juan Campisteguy, e pelo presidente departamental, Dr. Baltasar Brun.

Em baixo: directoria da Loja Maçonica Diana n. 820, de Brooklyn, New York.

O Centro de Navegação Transatlantica, de Montevidéo, do qual é presidente ha mais de dez annos o nosso compatriota commandante Muller Reis, festejando em 2 do corrente o Dia do Navieiro, dedicou a solemnidade ao Centenario da Independencia da Republica Oriental do Uruguay.

Estiveram presentes o presidente da Republica, Dr. Juan Campisteguy, o presidente do Conselho, Dr. Baltasar Brun, além dos ministros da Industria, Fazenda, Guerra e Marinha e outras altas autoridades e figuras de representação social.

O Presidente da Republica irmã e o do seu Conselho, honraram o nosso paiz na pessoa do nosso compatriota commandante Muller dos Reis, fazendo questão de lhe darem o logar de honra nas photographias que aqui estampamos como prova da retribuição, pelos mais altos magistrados urugayos, da muita sympathia e cordial admiração que temos os brasileiros pela sua grande e nobre patria.

Sessão solemne no Instituto dos Advogados, presidida pelo Reitor da Universidade e com assistencia do Presidente do Instituto, de todos os membros da Congregação da Faculdade de Direito, dos socios do Instituto e dos discipulos do venerando Professor Francisco de Paula Lacerda de Almeida, commemorando e festejando o seu 80° anniversario natalicio, no dia 17 deste mez.

Galga

Como é bonita ! Fina e branca ! Lenta
Como um lyrio que os valles embalsama...
Mas a maldade popular commenta:
Por que motivo essa mulher não ama?

Não ama. O amor que as almas alimenta
E os corações de pouca idade inflamma,
Passa por ella, a medo, se atormenta
E como uma ave, pousa noutra rama.

Homens ? Não quer negocios com essa gente,
Oito tentaram já roubar-lhe a calma
Um, entretanto, no seu coração

Ficou vivendo indefinidamente
A alimentar a chamma da sua alma
Num vago sopro de recordação.

Greve da fome

Greve da fome. Quando a moda ordena
E preciso cumprir. Moda maldita !
Vejo-te magra que me causa pena
Porque apesar de magra, inda és bonita.

Eras ha pouco tempo a favorita
Da sociedade e estavas sempre em scena.
Hoje se alguem te encontra, te condemna
E fala mal de ti, se não te evita.

Adeus fama. Adeus gloria. Adeus caricia,
E's a mulher que a gente aponta: é ella,
Um symbolo da crise alimenticia.

Mas se assim continúas, dia a dia,
Ficarás transformada, ó magricella,
Num frango secco de confeitaria.

Separação

Já de vestido novo ! Ha uma semana
Andavas pobre, de vestido velho.
Como a gente romantica se engana !
Afinal a experiencia é um grande espelho.

O espelho que reflecte a vida humana
Deante do qual eu me commovo e ajoelho.
O amor que irmana, o amor que desirmana
E elle foi o meu unico evangelho.

Vejo-te muito mais bonita. Emtanto
Teu sorriso de dôr e de quebranto
Em recordar o que morreu, persiste:

E' que guardas na bocca descorada
Como uma flor mil vezes machucada,
Toda a saudade do meu beijo triste.

João da Avenida

Posse do novo presidente do Centro Academico, Candido de Oliveira, no Instituto Nacional de Musica, e conferencia do Professor Castro Rebello, á qual se seguiu um programma de musica e poesia organizado por Dona Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

O "Correio da Manhã" fez annos na outra semana e foi um dia de festa para a grande imprensa do Brasil. Trinta annos formam uma idade bonita. E vividos como os viveu o "Correio da Manhã", trinta annos se multiplicam e dão um destino longo e bello, que envaidece a terra onde, dia a dia, elle se cumpriu. A folha de Edmundo Bittencourt, continuada com a mesma intelligencia e a mesma liberdade por Paulo Bittencourt, trabalhada por M. Paulo Filho e os seus companheiros, entra agóra em phase nova. Num palacio da Avenida Gomes Freire, construcção das mais elegantes da cidade, os mais aperfeiçoados machinismos vão apresentar ao Rio de Janeiro, com o texto sempre alérta da redacção e da collaboração, um jornal moderno, deste tempo, um jornal que acabará a tristeza que a gente sentia quando olhava para "La Prensa" e "La Nacion" ali de Buenos Aires. A immensa tiragem do "Correio da Manhã" provou, de ha muito, o amor do carioca á sua orientação. O "Correio da Manhã", igual na independencia e na sinceridade, veste-se de novo para orgulhar o carioca que lhe quer bem.

Edmundo Bittencourt
Fundador

Correio da Manhã

Paulo Bittencourt

M. Paulo Filho

Duas photographias tomadas durante a linda festa do Hotel Milton, na noite de 21.

MUSICA

A applaudida violinista Messodi Baruel, que nos promette para breve um recital.

Em baixo: Corbiniano Villaça, cantor finissimo, com a senhorita Hilda Maria Saraiva, senhora Edméa Montanari e senhor Arnaldo Estrella, antes do concerto que realizaram com exito excepcional, sabbado passado, no Club Germania.

O Destino dos Filhos

GETULIO Borges chegara á secretária e ficara entre scismas. Emparedado entre meditações. Era domingo. Abriu a janella para a manhã calma e fria de Maio e quedou-se olhando a plumbea paizagem. O capinzal verdoengo sob o "foullard" da neblina azul-pallida que se perspectivava até lá longe, envolvia os eucalyptos immoveis e silentes, os picos montanhezes que a distancia e a cinza neblinal fundiam ao céo.

Pairava em tudo um silencio de amanhecer sem rumores e sem sol. Amanhecer placidissimo.

Fechou a porta para melhor ensimesmar-se e afundou-se na maple, de pernas cruzadas, ambas as mãos cingindo os joelhos e olhando pela moldura quadrangular da janella as copas leves dos eucalyptos e o céo nevoento, que o ar de chumbo tornava profundo e indistincto.

Havia uma semana procurava solução para um problema que se lhe affigurava difficil. Queria encontrar a que lhe parecesse melhor. A que lhe trouxesse alegria e ventura. E não achava.

\+ + +

Getulio Borges viera da provincia, ha muitos annos. Casado. Transportara-se para o Rio e aqui lhe nascera uma filha. Esta crescera e se tornara moça. E, porque tinha coração, como toda gente, amara. E fôra pedida em casamento, ha uma semana.

O pae não accedera logo. Precisava saber quem era o noivo . Daria a resposta depois. Iria pensar.

Se ha uma semana os namorados ansiavam pela resposta, ha uma semana Getulio Borges soffria por não a saber como dar. E era nisso que meditava na manhã branca de outomno.

Recordava o casamento, evocava os vinte annos de vida conjugal sem uma rusga e um tédio, aquella lua de mel que só a morte obumbraria, o amor fundido no mutuo sentimento e na mesma uncção, ligando duas vidas que, para a maxima ventura, não querem mais do que a propria ventura de se quererem. Comprehendem hoje os moços o casamento assim? Não se casam elles por sports? Ellas não se casam por capricho e vaidade? Por acaso possuem a noção da responsabilidade que assumem? Não andam por ahi desunidos os casaes que nem tiveram lua de mel? Não envilecem por ahi creaturas feitas de mimo e affecto, pedindo acolhida ao vicio, soffrendo, finando-se na torpeza e no peccado?

Getulio Borges pensava. E tanto mais se afundava no espectaculo pungente que lhe era dado observar, tanto mais abrangia o scenario actual da sociedade sem freio e sem rumo, quanto mais lhe vinha a amargura da duvida do que seria o futuro da filha.

Cortou-lhe o fio dos pensamentos uma voz importuna. Era o café que lhe traziam. Tomou-o vagarosamente, de pé. Accendeu, após, um charuto, fechou a porta e afundou-se novamente na maple. Olhando a manhã, agora mais clara, esgarçando as nevoas pallidas. E reatou o fio dos pensamentos.

— Gerusa! Minha filha! Quem sabe o que será a filha cuja mão se concede? Quem lhe guiará, com os cuidados paternaes, os passos pelo mundo? Quem lhe prevenirá os espinhos e os caminhos ruins? E o marido, que será, hoje, amanhã e depois, para ella? Os amores de agora! Os casamentos de agora!

E Getulio Borges curvava a cabeça e a escondia entre as mãos. Que iria elle fazer? Negar a mão da filha? Dal-a ao homem que dizia que a amava? Elle bem via a inutilidade do esforço em prol da filha. O erro dos tempos. O defeito era da época. Poderia elle deter a corrente? Fôra educado á maneira antiga, viera de fóra, com outra noção das coisas . Hoje tudo estava mudado. A propria filha era já um producto do meio. Não podia deter a corrente. Que Deus velasse por ella.

\+ + +

O filho do commendador Espinafre, João Espinafre, rapaz de indumentarias multicores e sem profissão definida, "gigolot" ou coronel, conforme a aventura, encontrara a senhorita Xuxú, quando ella sahia, á tarde, do Casino e vinha rompendo a verdura do Passeio Publico, a caminho do bairro cinematographico.

Conheciam-se já, porque elle curvou a cabeça e ella ergueu a mão minuscula, de unhas rebrilhantes, que os labios delle tocaram florindo num beijo de gentileza.

Vieram vindo. Juntos.

— E' verdade que você está noiva?

A senhorita Xuxú prefaciou na bocca cerejal uma grande risada:

— Eu?! Que esperança! Não tenho nenhuma propensão para escrava. Nem mesmo para escrava Isaura... Quero ser livre e só. O casamento é uma cadeia a que só me ataria quando a vida me fosse uma sombra de vida.

E curiosa:

— Mas quem lhe disse tamanha barbaridade?

Discretamente elle mentiu:

— Disseram-me.

— Diz-se tudo neste mundo. O que é e o que não é.

\+ + +

Quando a mulher, á noite, lhe perguntou, já no leito, o que havia resolvido sobre o pedido da mão da filha, elle disse apenas:

— Satisfazer-lhe o desejo

— Ella vae ficar contentissima, disse-lhe a mulher com um grande jubilo.

— Penso que sim.

E para que a esposa não visse as duas lagrimas que lhe rolavam dos olhos, virou-se para o outro lado, pungido até as entranhas.

Desenho de J. CARLOS

CARLOS RUBENS

INVERNO official. Exclusivamente. Porque a temperatura tem sido, com raras excepções, moderada. Pelles e lans sáem pouco do guarda-roupa. Fizeram-se exposições de inverno, as vitrinas andaram preparadas com roupas de frio e atapetadas de "renards". Mal soprou um vento frio correram as elegantes a guarnecer-se do que as puzesse de accordo com o tempo. Mas o nosso inverno está querendo mudar de mezes, reformar o calendario antes mesmo que comece a vigorar a reforma para os mezes de trinta dias, todinhos iguaes.

Resta, porém, a esperança de que Julho esfrie, Agosto ainda compense o gasto dos agasalhos.

Não é demais, creio eu, que dê a suggestão de um "manteau" authentico parisiense e modelo expressamente feito para a viscondessa de Rochefoucauld: "drap" preto guarnecido de "agneau" cinza, e ligeiro movimento em fórma.

Para o frio tambem: crêpe preto para a saia e o casaco, crêpe claro, rosa, marfim ou amarello; na blusa, góla feita em fórma de écharpe; crêpe preto e setim de "pois" para um "ensemble" de saia recortada em diagonaes. Chapéo grande justamente porque já estão elles querendo rivalizar com os pequenos; um "manteau" de setim preto, cintado, e de mangas curtas para que realcem as do vestido de crêpe plissado.

Tempo das capinhas. No modelo que aqui vae o panno empregado é o crêpe estampado. Crêpe preto, "façonné", para o vestido immediato, e de crêpe estampado de varios tons, o outro. Estam-

paria ainda é do agrado das mulheres de gosto. Apenas o receio de fazer um vevstido estampado está na descoloração rapida, nas manchas produzidas pelo suor ou pelos possiveis pingos dagua que nos colhem de subito, na rua, quando menos se espera por isso. Mas o remedio que nos inculcam, presentemente, — e mais adiante indico — acaba com taes sustos.

Os "manteaux" para a noite estão variando de fórma e de tecido. Os chales espanhóes ainda têm cabimento. Mas os de fantasia são muito mais encantadores, actualmente. Musselina de seda azul incrustada de crêpe setim do mesmo tom; musselina branca bordada a grandes flôres de velludo de seda escarlate ou preto; grande chale preto e branco deixando espaduas e braços a descoberto. Guarnição de perolas com fecho de "trass" aprisionam os cabellos.

Tres modelos interessantissimos mostram a vóga dos laços e nós: um, de crêpe leve azul, cujos nós nascem das bandas incrustadas e prendem os "drapés"; outro, de crêpe rosa secco; o terceiro, de crêpe estampado amarello e cinza sobre crépe.

- : - : - : -

A renda está tambem na moda, quer para vestidos inteiros, para guarnições de vestidos, para "lingérie", quer como guarnição de portas e janellas. Tambem na moda e de absoluta actualidade um livro de contos de Luis Paula Freitas — *Cortina de renda* — que me veio com lisonjeira d e d icatoria, e daqui agradeço.

Como é tempo de bailes e espectaculos no Municipal, preto é côr preferida para grandes noitadas. Preto e diamantes como unico enfeite. Luvas pretas de "suéde", carteira com fecho de diamantes, e, por vezes, diamantes prendendo os cabellos.

- : - : - : -

Tecidos que se não desbotam: firmados por "Indranthren"

- : - : - : -

Córte de cabellos: de A. Fadigas.

SORCIÈRE

HORACIO Mamberto talvez tivesse sido um grande engenheiro; tinha vocação e aptidões. Mas nada foi. Diversos factos simples e fataes intervieram a tempo para o impedir e o impulso de sua alma ficou paralysado, como uma bocca aberta que não chega a articular seu grito, ou como um veio dagua que, de repente, se congela e se faz estalactite para ficar assim pendurada e ameaçando o abysmo com um salto que já não dará mais nunca.

O velho Mamberto, dedicado em corpo e alma a seus filhos, tinha fomentado, com estranho interesse, a paixão do seu primogenito pelos calculos. E começou por onde ninguem o podia esperar, porque: que relações ha entre cuidar de estancias e as mathematicas? Nenhuma, não é verdade? Bem, mas Marberto começou por ahi.

— Quando eu era pequeno — costumava dizer o velho — soffri o que só eu sei pela sanha com que os outros se aproveitavam da minha escassa ou nulla habilidade para me defender. Mas com os meus filhos não acontecerá o mesmo, porque não irão ao collegio, emquanto não aprenderem que não devem ter mêdo de ninguem.

E a idéa directriz foi primeiramente experimentada em Horacio. Aos oito annos, arrancou-o á viva força dos braços maternos e mandou-o para a estancia de um amigo, para trabalhar. Horario de sol a sol; cavallo da manhã á noite e: ar e sol, tanto quanto necessitasse.

O pae, em meio a todas as duvidas que tinha, agindo assim, estava convicto de duas cousas, pelo menos: uma, que pudésse aprender de máo, lá, aprenderia mais depressa na cidade, e peór; outra, que em 20 metros de um pateo de mosaicos, não é onde se podem deitar os cimentos de quem não deve ter medo de ninguem.

— Desalmado! — gemia a mãe. — Que dirás da tua loucura, quando te trouxerem o menino ferido por uma chifrada de novilho?

Mas não houve nada de grave a lamentar, e um anno e mezes depois voltou, forte, crescido, com um não-sei-quê de desafiador no olhar, o appetite tão bom, que dava mêdo, e a cutis, como se tivesse levado duas mãos de tintura de iodo. Só então começou o collegio e logo ficou demonstrado que o velho Marberto tinha dado no alvo. Mais tarde, quando já era um rapazola, comprehendeu tudo o que devia a seu pae, no dia em que recebeu deste a modica somma de tres pesos. Tinha que comprar certo objecto.

— Faz-te muita falta?

— Sim, muita.

— Não pódes passar sem elle?

— Não; agora me é imprescindivel.

— Bem, se é assim, aqui estão: um, dois, tres pesos.

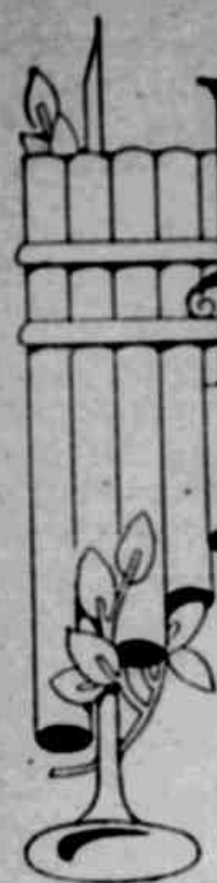
Elle quiz se retirar.

— Procura fazer uma bôa compra, — disse, detendo-o, e depois accrescentou, com ar descuidoso — e não seria demais que te lembrasses que daqui até o meu escriptorio ha uma distancia de sessenta quadras, que eu terei que percorrer a pé, quatro vezes por dia, durante uma semana e sem um só cigarro, pela simples razão de te fazer falta esse objecto.

Se fosse menor, Horacio teria saltado ao pescoço do velho, mas já tinha dezeseis annos e limitou-se a dizer sim, de certo modo. Mas, desde aquelle dia, cada vez que levava a mão ao peito, sentia que trazia ali o querido velho. Concluiu os preparatorios e chegou a entrar para a Faculdade; mas, quando mais apaixonado que nunca dos seus estudos, concluia o 4° anno de engenharia, sobreveiu o irremediavel, a maldição: um dia trouxeram o pae, com um coagulo de sangue entre os labios e sem um só atomo de vida no seu pobre corpo morto!

Foi, então, um verdadeiro problema o de substituir por outro o esteio quebrado, para continuar vivendo como até então. Offereceram-lhe uma cathedra na mesma Faculdade, mas isso estava longe de ser uma solução. Contou os seus e chegou até sete. Pareceram-lhe muitos e contou de novo, começando, desta vez, pelo menor: sete tambem. E viu logo que sete pessôas não podiam viver com tão pouco dinheiro por mês. Continuou pensando e pensando e, afinal, após 15 dias de reflexões, chegou á simples conclusão de que o problema de sua casa não se resolvia senão de uma maneira: de uma só. Sua segurança de homem de numeros respondia por isso.

Na manhã seguinte, bem cêdo, empacotou todos os seus livros e suas cousas; dobrou e poz a um canto a queridissima mesinha de desenho e, dando com o olhar um adeus a uma lista de projectos, nos quaes cifrára sua futura gloria, sahiu. Havia uma só pessôa no mundo, sabedora do que acabava de sacrificar com a sua resolução:

(Termina no fim do numero)

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

Os ultimos dias da vida de Handel

De uma feita, açoitado por um aguaceiro, Handel refugiou-se em casa de um ferreiro que havia á beira da estrada e que trabalhava cantando, á medida que batia o malho. O rythmo proporcionou a Handel inspiração para o "O ferreiro cantador".

Handel naturalizou-se cidadão inglez em 1726. Passou mais de meio seculo na Inglaterra. Primeiro Handel acabou por estabelecer um estylo de musica que é ainda hoje imitado pelos compositores inglezes devido á sua praticabilidade.

Em 1741, Handel sentou-se para escrever o "Messias". Disse de si proprio mais tarde: — "Penso que vi todo o céo deante de mim, até o proprio Deus". Lagrimas misturavam-se com a tinta á proporção que escrevia a obra prima, que levou apenas dias a ser feita.

Em 1752, o grande compositor ficou cégo. Assistindo á execução do seu oratorio "Samsão", sentou-se ao lado do orgão que era tocado por um seu amigo. Quando chegou a linha "Eclipse total, não ha sol, não ha lua"... Todo o auditorio ficou commovido até ás lagrimas.

Continúa no proximo numero

Gandhi, o revolucionario

(FIM)

por que soffresse o referido general as consequencias do seu acto revoltante. Exigiu mais, que o governo britannico offerecesse garantias absolutas, afim de que taes factos não se reproduzissem. O responsavel pelos dramaticos acontecimentos, no emtanto, foi apenas afastado do posto e reformado com todos os vencimentos, recebendo, por cumulo, francas demonstrações de solidariedade por parte das autoridades civis e militares do Imperio Britannico.

Foi essa a ultima illusão que se desfez no pensamento do chefe indiano, induzindo-o a lançar um manifesto á nação, qualificando de "satanico" o governo inglez e appellando para o povo no sentido de não cooperar com o mesmo, obedecendo assim o elementar dever humano.

Póde-se dizer que data dahi a actual campanha de não cooperação e desobediencia civil, comprehendendo a boycotagem das mercadorias e instituições inglezas. Essa a primeira phase do movimento, inspirado por Gandhi. Julgando poder debelal-o facilmente as autoridades britannicas fizeram deter o "leader" revolucionario em Março de 1922, condemnando-o a seis annos de prisão. Como consequencia os animos tornaram-se extremamente exaltados, aggravando-se de tal modo a situação que o governo se viu obrigado a pol-o em liberdade, muito antes de esgotado o prazo da sentença.

Foi proposto, além disso, um accôrdo. A suspensão da campanha por parte dos "leaders" hindús, consentindo o governo inglez em que formulassem as suas exigencias, afim de serem submettidas á apreciação do parlamento. Na proposta apresentada pelos chefes nacionalistas, pleiteavam os mesmos para a India uma fórma de governo que a nivelasse ao Canadá, Australia e outros dominios do Reino Unido.

A melhor solução que encontrou o parlamento consistiu em nomear uma commissão composta unicamente de cidadãos inglezes, afim de estudar o problema "in loco", percorrendo todo o paiz, colhendo suas impressões, e, ao final, decidindo como lhe aprouvesse dos seus destinos, num insidioso relatorio estylo John Bull... Como se vê, habil medida protelatoria, mas o ardil britannico não logrou alcançar o exito desejado. A "Simon Commission" foi recebida hostilmente, em 1928, apupada ao desembarque e até boycotada.

Negando-se terminantemente a collaborar com a commissão enviada da Inglaterra, o Congresso Nacional de todas as Indias, intimou o Vice Rei a solucionar o caso, dentro de um anno, nos termos da proposta apresentada, sob pena de recomeçar immediatamente a campanha que havia sido suspensa. A resolução tomada por esse Congresso, em Dezembro de 1929, á qual já nos referimos no inicio destas linhas, constitue apenas a execução da ameaça anteriormente formulada.

E dest'arte o movimento libertador recrudesceu, cabendo a Gandhi a sua direcção. O congresso delegou-lhe plenos poderes para organizar a actual campanha de desobediencia civil, medida por elle alvitrada como complemento de não cooperação com os inglezes e boycotagem nos seus productos, e cuja finalidade consiste em salvaguardar os direitos naturaes do seu povo.

ARMANDO DE LACERDA

A bailarina Kitchnou

Para "trotter"

Escolar de feitio, para moça elegante. De Redfern. A graça do "tweed" leve, fino, "beige" e marinho, prégas fundas presas por cruzes do tecido, gravata "beige" unido, cinto de camurça. Casaco marinho, de "drap", góla e punhos de "chevrette beige".

Mulheres do Occidente e do Oriente

(FIM)

guichês. Apesar do nivel de cultura da mulher franceza não ser inferior ao nivel de cultura do homem, o espirito conservador do povo francez provavelmente não toleraria uma mulher no governo, como acontece na Inglaterra, que tem uma ministra do Trabalho. O caso de Marthe Hanau, que na "Gazette du Franc" mostrou uma capacidade de realização financeira invulgar, serve de exemplo. Ninguem gosta de levar a sério que uma mulher se metta em questões de bolsa, de titulos e de especulações Esse lado da questão da "Gazette du Franc" deu ao grande escandalo bancario uma tinta de humorismo. Só nas letras, nas artes e no jornalismo a concorrencia intellectual da mulher não encontra resistencia.

———

Nova conquista do feminismo na França: o senhor Raul Perret, actual ministro da Justiça, escolheu para sua secretaria particular uma parisiense graciosissima, a quem dita as suas cartas e encarrega de estudos de confiança. Apesar de ter pouco mais de vinte annos, essa moça se interessa vivamente pelas questões sociaes e politicas. Quando as mulheres puderem ser eleitas para o Palacio Bourbon, ninguem se admire de ver a actual secretaria do senhor Raul Peret fazendo um discurso e derrubando o gabinete, pela força da eloquencia e, quem sabe, de um opportuno sorriso, mas de ironia.

No Ministerio da Justiça, entretanto, o senhor Raul Peret não precisou estabelecer um regimen especial, como succedeu ao delegado de policia japonez, cioso do bom nome da repartição e do seu proprio. O senhor Raul Peret é visto, mesmo, [illegible]ersas vezes por dia, a beijar com toda a ternura a sua secretaria. Isso não provoca nenhum escandalo, porque se trata de Mlle. Odette Peret, sua filha.

Marselha, 1930 — RIBEIRO COUTO

"Ensemble"

Casaco de drapella "beige", cinto de camurça e góla de "ragodin". Velludo liso para a saia, aberta por "godets" embutidos; velludo "moire" para o casaco guarnecido de "petit-gris".

DESPERTAR

(FIM)

sam os seus bailados; as mechanicas aspiram, as bombas trabalham, as torneiras escorrem, os banhos fumegam, o leite ferve. Nas mãos das copeiras, as bandejas, cobertas com pannos brancos, como para baptisados, carregam coisas boas que brindam o nascimento do dia. E, neste momento, com as cocegas irrespeitosas do espanador, sem considerações pela importancia que eu represento, baterei seccamente, uma impaciente "meia hora" no nariz do criado de quarto azafamado...

A dôr que cala

(FIM)

elle mesmo, e ninguem mais. —"Que quer fazer?" — perguntou-lhe um amigo.

— Ganhar dinheiro — respondeu.

— Quanto?

— Um milhão num minuto.

— Não é possivel; si se conforma com menos, nos arranjaremos logo.

E se arranjou. O que importava? Não sendo ali, era noutra parte... Ha muitas cousas ruins na vida, mas não creio que haja peor do que ser o coveiro da sua propria vocação. Amar alguma cousa, desejar ser alguem, sentir — estar certo, por mil manifestações intimas, inequivocas — que tudo em nossa alma gira em torno a uma idéa-mãe, a uma aspiração fixa, inconfundivel: muito bem. E de repente, porque trazem um homem para sua casa, morto, frio como o marmore e branco como o papel, tudo deva se desmoronar, como um edificio, minado em seus alicerces.

E toda a amargura duma cousa assim, Mamberto a sentiu, até sentir nauseas. Não foi literatura de romantico o que experimentou, certa vez, ao andar pelos suburbios, com o revólver carregado no bolso... Foi outra cousa mais real, mais positiva. Sentia que a vida que se lhe impunha, não era a sua vida; via-se tão extranho, tão alheio ao trabalho quotidiano, que tinha a sensação de ser como uma cousa juxta posta ás outras vidas. Sentia-se um intruso. As arterias que davam sangue ao mundo, não circulavam por elle, porque elle, não tendo sido o que devia ser, ficou como que "fóra do mundo", como si entre elle e as outras vidas não houvesse solução de continuidade.

Ao principio, teve alguma esperança.

Mas depois...

Muitas vezes, lidando com a educação incompleta de seus irmãos, e com mil outras cousas que acarretava o ter que governar "bem", sentiu o mesmo que Jesus deante da figueira. Outras vezes, quando, envenenado pelas horas de escriptorio, pensava que lhe tinham assassinado o que mais amava no mundo, odiava cordialmente a todos, um por um. Sómente o olhar triste de sua mãe — a unica que talvez comprehendesse sua agonia, sem o dizer nunca — conseguia dissipar as tormentas do seu pobre cerebro. "Afinal — pensava — si eu perdi a minha vocação, sacrificando-me por ella, ella perdeu o seu companheiro, e não se queixa, não diz nada. Ella, sim, que nunca encherá o vazio de sua vida. E eu... eu..." — e ficava nisso, porque do fundo de su'alma subia uma voz que lhe dizia que elle tambem nunca preencheria o seu vazio...

Certa occasião, o capitão de um navio inglez lhe perguntou a queima-roupa:

— Não lhe agradaria viajar?

— Profundamente! — respondeu.

Era forte em mathematicas e isso lhe proporcionou não sei que logar no vapor, uns pesos mais de ordenado e a perspectiva adoravel da vida do mar. Viajou dois annos, correu mundo, e a tristeza com que subiu a bordo transformou-se numa especie de melancolia natural, para sempre. Ahi, nas largas travessias, entre céo e agua, conquistou aos poucos essa expressão vaga de olhar, que parece sempre immerso nas lonjuras de horizontes inattingiveis. Mas essa vida de mar, entre gente sã e robusta o sarou. Por onde, quer que esparzisse o olhar, encontrava imagens enormes. O mar, infinito. A esphera ôca do céo, vazia, enorme. Depois, a toda hora pisava ferro macisso e ouvia sem cessar o fragor das centenas de H. P. das caldeiras; via os páos, os cabos, as ancoras até as portas dos compartimentos. Tudo lhe falava de força, tudo era de aço, compacto, duro e de dimensões ou qualidades que lhe mostravam a pequenez e a fragilidade da sua existencia, do seu sêr.

A vida o transformou, deu-lhe desembaraço, e, ao contacto com tantos homens e climas differentes, surgiu, em plena desnudez e integridade o homem que trazia dentro de si. Porque as viagens têm isso de bom: são para o espirito, como o andar para essas carruagens mofadas e cobertas de lôdo resequido; limpa-as, mostrando a linha limpa e sã da madeira ou do metal. Por isso, quando, dois annos depois desceu á terra, definitivamente, tinha para tudo um olhar sereno, tranquillo, onde a tristeza pela vocação perdida já não transparecia, indiscretamente, á curiosidade ávida do mundo. E embora muitas vezes lhe doesse profundamente como aos mutilados — "a perna amputada", a dôr já tinha a sua fórma nobre: era serenidade. Na pensão onde foi morar, olharam-n'o desde o principio, como um bicho raro. Não lhe agradava discutir, nem mesmo corrigir os que se "enganavam", os embusteiros.

Só isso já era bastante exquisito. Além, disso, não era natural que permanecesse uma hora inteira, fumando, quieto, silencioso, tão quieto e calado que parecia um morto. Porque os febris habitantes das urbes ignoram que a vida em intimidade com o infinito do mar desperta nas almas o ouro do silencio e da meditação. E ignoram tambem que os homens, como o leite, só "fervem" uma vez: a primeira. Depois, ainda que o fogo continue queimando, já não levanta nelles aquelle vulcão de vapor e de espumas...

E Mamberto já tivera o seu dia, ha muito tempo!

Um dia — um dos seus dias opacos — elle estava vendo a chuva cahir, quando notou que uma cortina de uma porta vizinha baixava rapidamente. Eram aposentos particulares. Ali moravam, em cordial união, a dona da casa e sua filha, uma encantadora normalista. Mamberto sorriu e entrou no seu quarto: era a terceira ou quarta vez que observava esse "phenomeno". Porém, não se enthusiasmou — tinha vinte e oito annos, varios fios prateados nas temporas e o coração "tão", "tão" fechado e tão tranquillo.

— Então é verdade que o senhor, antes queria ser engenheiro? — perguntou ella, certa vez.

— Sim, senhora, já lh'o disse muitas vezes.

— E agora, o que quer ser?

— Francamente, não sei. Talvez nada.

— Cale-se, não diga isso; os homens sem vontade me parecem sempre mortos que caminham.

PARA AFORMOSEAR E FAZER CRESCER O CABELLO

Os sabões e os shampoos artificiaes causam a ruina em muitas cabeças de preciosas cabelleiras. Poucas pessoas sabem que uma colherinha das de café, cheia de stallax diluido em uma chicara de agua quente, exerce uma natural affinidade sobre o cabello e constitue a lavagem de cabeça mais deliciosa que se possa imaginar. Deixa o cabello brilhante, suave e ondulado, limpa completamente a pelle do craneo, e estimula, sobremaneira, o crescimento do cabello. Vende-se nas pharmacias, sómente em pacotes, sellados, a um preço que não é elevado, porque cada pacote contém quantidade sufficiente para fazer de vinte e cinco a trinta shampoos, o que finalmente, resulta economico.

— Vamos, deixe-se de lyrismo, minha amiga; a vida é uma cousa demasiado feia e complicada para se poder entender aos dezoito annos. A senhora não a comprehende ainda, póde estar certa.

— E o senhor a entende acaso ?

— Não, tambem.

E riam-se os dois: ella, alegre, barulhenta, com as labaredas da sua primavera moça; elle, um pouco deitado para traz, menos expansivo, mas tambem jovial.

— Veja — continuava dizendo ella — e perdôe que eu lhe diga, mas o senhor é um grande tolo — e o fitava com uma expressão brejeira nos olhos. — O senhor ainda não viveu, sua vida, "soffreu-a", e fez muito mal. O senhor devia era passear muito, dansar muito e flirtar uma dessas meninas bonitas que andam por ahi... ou duas, si lhe parece.

— Mas, diga-me: tomou-me por algum seminarista em férias ?

— Que esperança ! Eu... eu, o senhor, seminarista ? Mamberto, como póde pensar semelhante cousa ? — e ria, como si lhe fizessem cocegas.

Elle fitava-a longamente, com o olhar carregado de todas as suas lembranças ingratas, até que exclamava tambem, rindo bonacheironamente:

— Mas, Elvira, quando aprenderá que não é bonito rir assim de um homem grande !

E em conversas como esta, faceis, frivolas, mas de um encanto irresistivel, passavam-lhes as horas, quasi sem sentir. Mamberto experimentava uma sensação nova com aquella rapariguita que se divertia em brincar com elle, offerecendo-lhe sua frescura matinal e a claridade de sua vida limpida e pura como uma pagina branca.

Nella, erma de toda experiencia, encontrava um pouco do que já não achava em si mesmo. Era moço, é verdade — vinte e oito annos são ainda mocidade — mas certas cousas envelhecem mais do que o tempo. E elle, dessas cousas, vivera já tantas, que podia tornar sua essa "verdade revolucionaria de que a sabedoria deixou de ser o patrimonio dos velhos".

Porém, ella não via tal occaso, ou si via, queria-o assim, pois, collocada por traz da janella do seu quarto, punha-se a contemplar, fascinada, absorta, aquella fronte enrugada pelas penurias, tostada pelo ar do mar, aquelles olhos que olhavam longe, aquelles labios que tinham adquirido uma expressão desdenhosa e sombria, e aquelles braços que se cruzavam sobre o peito, na attitude de quem já disse á vida, muitas vezes: "Aqui te espero: passa".

Era a fascinação, o sortilegio dos olhos da vibora, fixos, brilhantes, que não pestanejam, sobre o coraçãozinho da avezita canora.

Mas Mamberto lembrava-se bem das suas abandonadas mathematicas, e as empregou ainda dessa vez. E pensou uma noite inteira que, antes de o mais velho de seus irmãos pudesse occupar o seu logar em casa, seriam precisos quatro annos, ou talvez cinco. E elle ia fazer esperar cinco annos uma mulher, elle, que já tinha vinte e oito ? Portanto, ás centenas de renuncias que já tinha feito, accrescentou mais uma, a peor de todas, porque era a do seu coração. E ao fazel-o, tinha a convicção amarga de que ninguem lh'o agradeceria, nem o saberia e que tambem não serviria a ninguem. Era só questão de "dever", ou por outra, da interpretação do dever.

E, quando acaba, estava enganado. Quem sabe !

Mas renunciou.

Na cabeceira da cama, gravada a canivete com encarniçamento feroz, a empregada do quarto achou, quando se desoccupou a peça, esta palavra: "Elvira".

Foi o entretimento de uma noite, de uma hora, quem sabe ! Mas, quantas cousas significava ! Quando se chega a homem, não se grava sem um motivo forte um nome de mulher... De todos os modos, a ponta de aço penetrára com tanta força na inscripção, que para a apagar foi preciso mudar a taboa.

E agora, é frequente ouvir-se como Dona Claudia — a dona da pensão — reprehende a filha, porque esta permanece longas horas com um livro sobre os joelhos, e o olhar perdido em cousas longinquas...

(Traduzido por ANELÊH)

A Imagem Re...

(Conclusão)

Desde então o sacrificio não ... mais. Para não destruir a illu... construia imagens de Yat em ... attitudes em que a mãe esta... tuada a vel-o.

Isso dura ha trinta annos.

Durante muito tempo a ve... quiz abandonar a cabeceira da ... Sat realizava o irmão adormeci... muitas vezes, elle mesmo se deit... cama para que a infeliz, ao ac... sentisse um corpo realmente q... Exercitou-se para conservar a i... lidade completa, como o meu ... assistiu. De sorte que a mãe, e... dois filhos para sempre sem m... tos, ora gelados, ora aquecid... poude recuperar a lucidez para ... prehender o embuste divino.

Pouco a pouco, a paralys... conta daquelle pobre corpo.

Da mocidade feliz resta ... que o senhor viu. Olhos frac... entreabrem, garganta que m... veis rugidos de amor, quand... cem juntos os dois filhos e ... ceptivel chamma de uma ... que se apagará no momento ... não veja mais que um.

Perdôe-me o que lhe vou di... amigo. Nas civilizações da A... da Europa, muitos filhos te... dado para o hospicio essa ... morta do que viva. Nenhum ... sacrificado a gloria futur... menos, os interesses de vida... hesitou. Não podendo mais off... arte ao genio da celebridade, ...

---

[h]olocausto á unica, á Mãe. E os [n]ossos Deuses tiraram dessa mãe o [po]der de comprehender.

[De]pois que a velha é levada para [a] poltrona, Sat modela novas imagens em differentes posições. Elle traz nos fantasmas, que enchem todos cantos do porão do vasto junco, [sen]tados, em pé, deitados, em varias [nua]ncias coloridas nos tons de car[ne, o]rnando-os com os proprios cabel[los q]ue elle arranca, dando-lhes as proprias unhas, que deixa crescer [bas]tante para conseguir dividir em [...] mantendo-se com a magreza da [...], o que consegue por meio de [um] regimen sobrehumano, traduzem [á] mãe o amor frenetico do qual [...]vive ainda.

[O s]enhor não ousará perguntar-me [por q]ue Sat exhibe a essa multidão [...]eira, o prodigio da "Imagem [real]"? Estamos longe das exhibições [...]éas, das riquezas amontoadas [...]s á reclame!... Trabalhando [...]s nos simulacros improductivos, [...]ado a se mostrar á velha mãe, [...] que e'la acorda, Sat não póde [g]anhar a vida. Depois de renun[ciar a]o casamento, o orgulho desappa[rece]. Para conseguir manter a illu[são co]nsente em se mostrar e receber [...] da veneração. Pe'os rios e ca[naes e]m toda a China, as creanças e [...]os vão, a bordo do junco, apren[der o e]vangelho vivo da ternura fil'al. [...] esplendido junco, com letras de ouro, foi construido juntando, "sapeque" por "sapeque", as esmolas dos milhões de peregrinos que se prosternaram deante da scena emocionante. Tambem na Europa edificam-se santuarios veneraveis. Mas aqui, não é o mysterio insondavel; não são reliquias ou revelações. E' "A Imagem real" do homem que ajuda uma unica alma e lhe dá a vida inteira.

A nave de Li-Chéong approximava-se do cáes. Dentro de pouco o grosseiro, o brutal, ia tomar conta de nós. Commovido até á medula, apertei fortemente a mão de Li-Chéong. Elle não triumphava. Os seus olhos estavam tão vagos quanto os meus. Por termos tocado no insondavel, sentiamo-nos levados para os planos da belleza soberana.

— Mande a sua nave vagar mais um pouco, — suppliquei. — E' ainda muito cedo para voltar á vida quotidiana. Diga-me! diga-me!... Por que Sat não fala? Eu desejaria ouvir-lhe a voz.

— Desde a morte de Yat, que elle não pronuncia uma unica palavra.

— Por que?

— Com medo que a mãe, nalgum intervallo de lucidez, comprehenda. Pois Sat e Yat eram semelhantes em tudo. Mas, não tinham a mesma voz.

MAURICE LARROUY